



Interativa

Homem e Sociedade

Autora: Profa. Kênia Kemp

Colaboradores: Prof. Fabio Gomes da Silva

Prof. Flávio Celso Müller Martin

Profa. Renata Viana de Barros Thomé

Professora conteudista: Kênia Kemp

Historiadora pela Universidade Federal de Pernambuco; mestre em antropologia social pela Unicamp. Docente do ensino superior com experiência em graduação e pós-graduação *Latu Sensu*.

Professora universitária com atuação nas áreas de: antropologia do corpo; antropologia da comunicação; identidade cultural; sociologia da cultura; mídia e movimentos de produção artístico-cultural; *cyber cultura*; tribos urbanas; patrimônio cultural e memória.

Publicações

- *A identidade cultural e A relação saúde-doença*, in GUERRIERO, Silas (org) *Antropos e psique: o outro e sua subjetividade*. 9. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2011.
- *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Paulus, 2005.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K32 Kemp, Kênia
Homem e Sociedade. / Kênia Kemp - São Paulo: Editora Sol, 2011.
152 p. il.
Notas: este volume está publicado nos Cadernos de Estudos e Pesquisas da UNIP, Série Didática, ano XVII, n. 2-006/11, ISSN 1517-9230.
1.Cultura 2.Origens humanas 3.Diversidade cultural I.Título
CDU 572

Prof. Dr. João Carlos Di Genio
Reitor

Prof. Fábio Romeu de Carvalho
Vice-Reitor de Planejamento, Administração e Finanças

Profa. Melânia Dalla Torre
Vice-Reitora de Unidades Universitárias

Prof. Dr. Yugo Okida
Vice-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez
Vice-Reitora de Graduação

Unip Interativa – EaD

Profa. Elisabete Brihy

Prof. Marcelo Souza

Prof. Dr. Luiz Felipe Scabar

Prof. Ivan Daliberto Frugoli

Material Didático – EaD

Comissão editorial:

Dra. Angélica L. Carlini (UNIP)

Dra. Divane Alves da Silva (UNIP)

Dr. Ivan Dias da Motta (CESUMAR)

Dra. Kátia Mosorov Alonso (UFMT)

Dra. Valéria de Carvalho (UNIP)

Apoio:

Profa. Cláudia Regina Baptista – EaD

Profa. Betisa Malaman – Comissão de Qualificação e Avaliação de Cursos

Projeto gráfico:

Prof. Alexandre Ponzetto

Revisão:

Amanda Casale

Leandro Freitas

Sumário

Homem e Sociedade

APRESENTAÇÃO 7

INTRODUÇÃO 8

Unidade I

1 SER HUMANO, CULTURA E SOCIEDADE 9

1.1 A relação entre indivíduo e sociedade 17

1.2 A questão da influência da natureza sobre a cultura 20

2 O SURGIMENTO DA CULTURA 27

2.1 A teoria da evolução 28

2.2 O aparecimento do *Homo Sapiens* – uma espécie que trabalha 31

2.3 A cultura do homem – uma espécie que troca e se organiza 39

3 O SENSO COMUM E A CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA EXPLICAM A CULTURA 49

3.1 A cultura explicada pelo senso comum 50

3.2 O conceito antropológico de cultura 51

4 A COMUNICAÇÃO HUMANA É SIMBÓLICA 63

4.1 O símbolo, o ato de simbolizar e a cultura 64

Unidade II

5 AS RELAÇÕES HUMANAS DEPENDEM DE VALORES E REGRAS 87

5.1 As mudanças de regras e valores 94

6 CADA POVO UMA CULTURA, CADA CULTURA UMA SENTENÇA: A DIVERSIDADE

CULTURAL 102

6.1 A diversidade cultural 103

6.2 Cultura e visão de mundo 113

7 DIFERENTES CULTURAS, CARACTERÍSTICAS HUMANAS UNIVERSAIS 117

7.1 A pesquisa de campo produz o conhecimento antropológico 120

8 QUEM SOMOS, QUEM SÃO ELES: ADMIRAÇÃO E PRECONCEITO NA ALDEIA GLOBAL 123

8.1 Globalização e diversidade cultural 124

8.2 Identidade cultural em tempos de globalização 127

APRESENTAÇÃO

A antropologia social é uma das ciências da sociedade, voltada à compreensão do comportamento humano orientado pela cultura.

A disciplina *Homem e Sociedade* baseia-se na antropologia como uma ciência fundamental para que você possa compreender como nossas relações sociais são profundamente influenciadas pelo conjunto complexo que forma a cultura.

Em nossa convivência com outros, podemos perceber como os objetivos pessoais ou dos grupos aos quais pertencemos se chocam o tempo todo com limites, conflitos ou falta de compreensão. Compreender a cultura leva a uma nova postura que permite perceber nossa vida em sociedade como uma fonte inesgotável de estabelecimento de regras e padrões, e suas constantes mudanças. A isso chamamos diversidade.

Conhecer o comportamento humano da perspectiva da cultura nos possibilita analisar muitas situações de uma perspectiva enriquecida pela diversidade. Trabalho em equipe, capacidade comunicativa e desenvoltura social são habilidades que podem ser desenvolvidas conforme ampliamos a compreensão sobre a cultura e a diversidade.

Você terá a oportunidade de entrar em contato com conceitos da antropologia, tais como socialização, diversidade cultural, etnocentrismo, relativismo cultural, identidade cultural, reciprocidade, e perceber como se aplicam à nossa vida cotidiana e ao mundo do trabalho e das relações interpessoais.

Iniciando com o conhecimento sobre as origens humanas e o surgimento da cultura, chegaremos a questões atuais como a globalização e as relações entre diferentes povos.

Objetivos gerais

Apoiada na antropologia, a disciplina *Homem e Sociedade* vai possibilitar o desenvolvimento de muitas habilidades profissionais e pessoais. A partir de seus conceitos será possível compreender a vida cotidiana, além de:

- Proporcionar enriquecimento social, cultural, afetivo e cognitivo ao estudante.
- Comparar, contrastar e desenvolver temáticas ou perspectivas presentes em outras áreas do conhecimento de sua formação específica.
- Proporcionar a integração e o aproveitamento de saberes, tradições e experiências dos vários membros componentes das comunidades de seu trabalho, moradia ou lazeres.
- Desenvolver capacidades como autonomia para a seleção, avaliação e utilização das informações obtidas, possibilitando uma maior capacidade crítica na tomada de decisões em vários contextos da vida.

- Ampliar a participação cidadã do estudante por meio de aprofundamento das capacidades críticas para avaliar a importância das mudanças e das reproduções de situações no mundo atual.
- Valorizar a importância da diversidade cultural, do conhecimento mútuo e da autonomia, visando incrementar a consciência da diferença e o respeito pela mesma.

INTRODUÇÃO

Caro aluno,

Aqui você inicia seu programa de estudos on-line. Seja bem-vindo!

Nesta disciplina, o eixo é a compreensão da cultura como construtora do comportamento coletivo humano, vista através da antropologia.

O desafio que se coloca é confrontar o conhecimento da ciência antropológica com ideias muito comuns em nosso dia a dia que sequer percebemos, e que infelizmente, acabam nos conduzindo a atitudes preconceituosas.

A antropologia pode fazer parte de uma nova visão sobre o ser humano e seu comportamento cotidiano. Essa ciência nos mostra o quanto somos produto de nosso meio, mas não somos determinados por ele. Assim, ao tomar consciência sobre essa influência, abre-se possibilidade de refletir sobre como agirmos, nos tornando responsáveis por construir em nossas relações sociais novos valores.

Valores esses que se pautem por evitar o preconceito com o outro e ter atitudes que levem à sua exclusão. Esse processo de desumanização ou a recorrência a atitudes moralmente ofensivas a povos e setores da sociedade que possuem valores próprios e justos, deixou de ser aceitável como base das relações interpessoais no mundo de hoje.

O que se espera é que, ao final de nosso programa de estudos, você tenha alcançado os objetivos colocados acima.

Todos os objetivos a ser cumprida pela disciplina colaborarão diretamente com vários âmbitos da sua vida. Eles podem colaborar para as relações interpessoais seja no trabalho, na vida pessoal e familiar, em sua vida religiosa, e principalmente, em sua vida como cidadão, membro de uma sociedade.

Unidade I

1 SER HUMANO, CULTURA E SOCIEDADE

Neste item será abordada a natureza social do ser humano, e vamos observar nas características de comportamento de nossa espécie, o que é inato (de nossa natureza) e o que é adquirido a partir da experiência social. Esse debate é comum em nossa vida social, pois procuramos respostas para fenômenos como criminalidade, genialidade ou heroísmo. O que determina que algumas pessoas desenvolvam comportamentos desses tipos? É a sua "natureza"? É a influência do meio social?

Para as ciências sociais, somos "animais culturais", capazes de produzir conhecimento, mas dependentes do aprendizado social que é a socialização. Por meio da compreensão de conceitos como cultura, natureza e socialização é possível uma nova perspectiva do comportamento humano.

Introdução

Desde o surgimento de nossa espécie no planeta, temos observado que o ser humano surpreende por suas capacidades de inteligência, de organização social e de adaptação em diferentes ambientes naturais. Essa diferença em relação às outras espécies foi garantida pelo desenvolvimento de nossas habilidades sociais e culturais.

Veremos como a cultura, a natureza humana e os processos de socialização se relacionam em nossa espécie para determinar nosso comportamento.

Principais conceitos

Cultura, natureza e socialização.

Ser humano, cultura e sociedade

Atualmente, somos seis bilhões e oitocentos milhões de habitantes no planeta. Devemos essa condição aos nossos ancestrais que há milhões de anos desenvolveram a capacidade de se adaptar a novos ambientes e de vencer predadores mais fortes e velozes com armas sociais que os fizeram imbatíveis: a comunicação, a cooperação, a capacidade de estabelecer regras de convívio coletivo etc. Tudo isso só foi possível uma vez que o comportamento humano, diferentemente de outras espécies que vivem coletivamente, foi orientado pela cultura ao invés do instinto.

Você já deve ter ouvido falar que o sucesso de nossa espécie se deve ao fato de que o ser humano é o único ser racional dotado de inteligência, não é mesmo? Isso é verdade, mas não é toda a história. Já pensou que não adianta nada ser dotado de inteligência e não ser estimulado a utilizá-la? Pois é exatamente isso que acontece com o conjunto de nossa espécie. Se o ser humano não tivesse desenvolvido

a vida em sociedade baseada em uma cultura, provavelmente nossas capacidades de inteligência sequer seriam exploradas.

Vamos pensar por que é importante essa informação?

É importante perceber que é comum o pensamento que existem pessoas ou sociedades "naturalmente" mais dotadas de pessoas inteligentes. Pois bem, isso é parte de um preconceito infundado, e essa discussão será aprofundada mais adiante no decorrer da disciplina. Por ora, reflita sobre a importância da cultura para organizar os grupos humanos. Todas as capacidades que decorrem da inteligência dependem de nosso convívio coletivo e das necessidades ou exigências impostas por esse modelo de vida.

O ser humano é uma espécie diferente de animal que vive em grupo. Ao desenvolver a cultura, afastou-se da natureza e, portanto, dos instintos.

Atualmente, cercados pelas comodidades culturais em uma sociedade moldada pela tecnologia e pelo mercado, fica difícil nos imaginarmos como de fato somos: um animal cultural. Somos a única espécie a desenvolver um ambiente totalmente controlado para sobreviver, que são as cidades, e, talvez por isso, esquecemos uma dimensão constitutiva de nosso ser: os instintos.

Somos uma espécie modelada pela cultura. Substituímos o comportamento dos impulsos instintivos (preservação da espécie por meio da alimentação, reprodução e abrigo) pelas regras de conduta social. Apenas dessa forma nossos antepassados puderam deixar uma herança importantíssima baseada na acumulação de conhecimentos, nas tradições e nos laços sociais.

O comportamento humano baseado na cultura e na troca de conhecimento (aprendizagem) é o que nos distingue das demais espécies. Não dependemos apenas da herança biológica e do comportamento também herdado geneticamente para evoluir. Precisamos de história, das experiências das gerações passadas, da capacidade de nos educarmos mutuamente. Portanto, dependemos da cultura.

Mas talvez o que está sendo chamado aqui de **cultura** não seja exatamente o que você se acostumou a utilizar, por isso vamos fazer uma abordagem científica?

Antropologicamente, a cultura foi definida pela primeira vez no século XIX (1871), por Edward Tylor, como "um conjunto complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a lei, a moral, os costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade".

É importante ressaltar, nessa definição já antiga de Tylor, que a caracterização da cultura é o resultado de processos de **aprendizagem**.

Nenhum de nossos padrões de comportamento coletivo é herdado geneticamente, eles são **adquiridos**, e para isso dependemos do convívio com o meio social. Quando nascemos não temos "tendências naturais" em relação à crença, bem como a qualquer tipo de alimentação. Tudo em nossa vida coletiva, desde a língua com a qual nos comunicamos, os hábitos rotineiros de alimentação e vestuário, nossa noção de moral, enfim, tudo o que compartilhamos ao viver em sociedade e que podemos observar que se repete na maioria dos indivíduos de nosso grupo, é resultado de um processo de aprendizagem da cultura, e a isso denominamos **socialização**.

Vamos compreender melhor o importante conceito de **socialização**.

Começamos pela definição de autores importantes para as ciências da sociedade. Peter e Brigitte Berger afirmam que:

O processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade, designado pelo nome de socialização, não tem fim e pode dividir-se em socialização primária e socialização secundária. A família é tradicionalmente a instituição responsável pela socialização primária e a escola, o trabalho e as demais instituições são responsáveis pela socialização secundária. (BERGER, P., BERGER, B. apud FORACCHI, M.; MARTINS, 1977).

Esses autores exploraram os processos de aprendizagem da vida social, demonstrando que quase tudo em nosso comportamento precisa ser modelado desde os primeiros momentos de vida, e que esse processo não termina nunca. Em cada fase de nossa vida social, somos exigidos a adquirir novos padrões que nos permitem conviver em coletividade.

Podemos concluir que a socialização compreende todas as formas de aprendizado em sociedade. Tem início com as exigências de condutas dentro da família, que é nossa primeira experiência de vida social, se estendendo depois aos contatos sociais cada vez mais amplos como a escola, a vizinhança, as amizades, o ambiente profissional, a vida religiosa, a participação em associações ou clubes, os lazeres etc.

Você percebe que quando começa o convívio em um novo grupo social existe uma tendência a observar o comportamento dos outros? Esse processo vai criando referências sobre como devemos nos comportar, como os outros reagem a determinadas situações. Assim, podemos agir com mais segurança dentro dessas situações, pois aos poucos as coisas vão se tornando mais previsíveis à medida que nos habituamos e incorporamos muito dessa dinâmica coletiva.

Pode-se dizer, ainda, que a socialização é uma forma de educação, mas vai para além dela. Mesmo em contextos nos quais as pessoas não têm consciência de que estão se educando mutuamente, o contato social indica formas esperadas de comportamento.

Assim, podemos interagir com os outros sabendo seguramente que de acordo com nossa conduta pessoal podemos esperar um ou outro tipo de resposta. Por exemplo: se nos dirigimos com bons modos a alguém, esperamos ter o mesmo tipo de tratamento, ao passo que ao sermos agressivos, podemos esperar também uma reação agressiva. Quando, por exemplo, professamos determinada religião, entramos para uma nova turma de amigos ou um grupo praticante de determinado esporte, aprendemos como nos comportar, como pensar sobre aquele assunto, como interagir com os outros membros do grupo. Mesmo sem termos consciência, estamos sendo **socializados** nesses meios.

De acordo com a nossa cultura e a socialização, controlamos até mesmo os horários de fome, a postura corporal e os gestos, os hábitos de higiene pessoal e as formas de tratamento de saúde etc.

Ou seja, cada cultura corresponde a um padrão diferente de realizar todas essas coisas necessárias à vida social, e que consideramos ser "normal" todos fazerem. E nenhuma dessas condutas é inata, ou seja, componente da nossa natureza. Aprendemos cada um dos procedimentos de conduta pessoal que possibilite o convívio coletivo de acordo com padrões herdados e modificados constantemente.

Vamos fazer um exercício de pensar exemplos das situações descritas acima?

Todo mundo se lembra de experiências marcantes naquele momento da vida quando começamos a frequentar uma escola, não é mesmo? Então, tente se lembrar de momentos que você, ou algum conhecido, tenha enfrentado dificuldades em se adaptar à rotina e à disciplina escolar.

Pense como uma criança que foi "retirada" do mundinho de sua casa, onde parecia haver liberdade para deixar de fazer algo quando se tornava cansativo. Agora pense nessa criança, que de repente deve permanecer dentro de uma sala de aula, até que o "sinal" do intervalo ou do final das aulas a autorize a se retirar de sua cadeira; ou ainda sobre as regras de oferecer seu lanche aos outros, tentar dividir o que é seu, e quantas situações estranhas ao universo de uma criança que era tratada como o "centro das atenções", e nesse ambiente escolar, precisa perceber que os outros existem.



Lembrete

O curioso sobre a socialização é que, a partir do momento em que tornamos rotina, ou hábito cada um desses procedimentos, passamos a encarar com naturalidade, e esquecemos que dependemos do contato com a sociedade para adquirir conhecimentos, crenças, moral, leis etc.

Pense em outros exemplos que demonstram que, ao longo da vida, todos os indivíduos precisam "aprender" as regras de convívio social. Até mesmo em lugares de diversão, como parques, praças ou a praia. Para passar um tempo de lazer e descontração, também há regras a seguir, mas não pensamos nelas durante esses momentos.

Voltando ao conceito de cultura de Edward Tylor, podemos perceber que, apesar da cultura ser um todo complexo adquirido por cada um de nós "enquanto membros da sociedade, esquecemos que somos um "animal cultural". A cultura tem uma influência tão profunda em nossa forma de encarar o mundo que pensamos, durante a maior parte do tempo, que tudo é muito "natural". De fato, um indivíduo da espécie *homo sapiens* é dotado de potencialidades inatas, como linguagem, inteligência, postura bípede etc. Entretanto, nenhuma dessas características se desenvolve "naturalmente". Precisamos, portanto, dos estímulos do meio para que cada uma delas seja utilizada, desenvolvida e lapidada.

Existem alguns exemplos históricos capazes de sugerir que nossa espécie é totalmente dependente da influência do meio para desenvolver comportamento humano, são as chamadas "crianças selvagens" ou

"meninos-lobo". Essas crianças foram assim denominadas, pois em decorrência de razões desconhecidas, foram abandonadas em florestas ou lugares isolados, sem qualquer contato com nenhum outro ser humano, talvez desde que eram ainda bebês. Encontradas em idades mais avançadas, elas costumam apresentar um comportamento totalmente "animal", sem nenhum traço que permita lembrar que são seres humanos.

Os casos mais conhecidos são as irmãs Amala e Kamala, encontradas na Índia em 1920. Ambas se alimentavam de carne crua ou podre, emitiam ruídos ao invés de utilizarem linguagem, andavam apoiadas nos quatro membros, usavam os cotovelos para trajetos curtos e não apresentavam sinais de afetividade.

Veja o trecho de um artigo científico de resenhas que trata do desenvolvimento da linguagem humana:

Em 1920, chamado por um vilarejo a sudoeste de Calcutá para exorcizar fantasmas, o reverendo Singh teria descoberto que os "fantasmas" não passavam de duas meninas, que dormiam, comiam e, enfim, viviam para todas as finalidades com um grupo de lobos. Tendo-as seguido até a toca em que moravam, Singh teria cavado um buraco até resgatar as duas crianças. A mais velha teria por volta de oito anos e a mais nova, um ano e meio. O reverendo as levou para viver no orfanato que administrava juntamente com sua esposa, e protegeu as crianças da curiosidade da imprensa e da ciência enquanto pôde. Mas ele próprio coletou e registrou muitas informações sobre as meninas.

Segundo ele, elas não tinham senso de humor, tristeza ou curiosidade e nem senso de ligação afetiva a outras pessoas. Elas nunca riam; e as únicas lágrimas derramadas pela mais velha, Kamala, aconteceram na ocasião da morte de sua pequena irmã, devido a uma grave diarreia causada por uma infestação de vermes.

Para o casal Singh, embora se parecesse fisicamente com qualquer outra criança de oito anos, Kamala se comportava como um bebê de um ano e meio. Mas, apesar de seu silêncio, começou pouco a pouco a entender palavras. Logo depois, começou a pronunciar algumas dessas palavras: Kamala estava adquirindo linguagem.

Por oito anos, Kamala viveu no orfanato; mas, como nos relatos (reais ou fictícios, que acabaram por inspirar a criação da personagem Mogli, de Rudyard Kipling) de outras crianças-lobo indianas e como no caso de sua irmã Amala, ela não estava destinada a uma vida longa. Em 1928, sua saúde começou misteriosamente a declinar, culminando seu sofrimento em sua morte, no ano seguinte (MASSINI-CAGLIARI, 2003).



Saiba mais

Se você tiver curiosidade de ler mais sobre esse tipo de achado de crianças que foram encontradas vivendo em estado selvagem, faça uma busca eletrônica com os termos "crianças fera" ou "meninos lobo". Você terá oportunidade de descobrir que existe um debate científico a respeito, e um famoso antropólogo, Lévi-Strauss, defende que todas seriam crianças que foram abandonadas por serem portadores de algum tipo de deficiência mental. Entretanto não há consenso na ciência, pois os achados são raros e por isso não constituem um campo muito desenvolvido em termos de observação e pesquisa. Em todo caso, tente os links abaixo para tirar suas próprias conclusões:

– RIBEIRO, F. Humanos criados como animais: coração selvagem. In: *Aventuras da história*. São Paulo: Abril Cultural, n.91, fev. 2011.

– WIKIPEDIA. *Criança selvagem*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Crian%C3%A7a_selvagem>.

Esse tipo de achado é considerado a "fonte inspiradora" de histórias e lendas como a do personagem Mowgli, o menino selvagem de Disney, ou ainda "Tarzan", um clássico do cinema de meados do século XX. Há também um filme muito cultuado por admiradores do cinema europeu, chamado "O enigma de Kaspar Hauser" que conta uma história real do mesmo tipo, passada na Alemanha no final do século XIX. Se quiser ler um artigo sobre o filme e também uma análise do fato, tente:

– SABOYA, M. C. L. O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): uma abordagem psicossocial. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n.2, 2001.

Analisando esses casos, muitos cientistas concluem que o ser humano é um "animal cultural" em potencial, pois nascemos com todas as características que nos habilitam ao comportamento que nos caracteriza. Entretanto, precisamos do estímulo da vida em sociedade que exige o desenvolvimento de capacidades como inteligência, comunicação e cooperação. Para exercitar essas capacidades, precisamos de modelos, exemplos que podem ser seguidos. A cultura é exatamente esse modelo.

Em quais aspectos esse "exercício de capacidades" nos afeta? Pense sobre sua vida social, como, por exemplo, o fato de estar em contato com alguém para uma simples conversa te fazer exercitar não apenas o nosso modo de agir de acordo com as regras, como ser alguém conveniente com a situação.

Cada um de nós ao ser socializado em uma cultura, passa a aprender sempre e gradativamente como utilizar coisas como o corpo, o intelecto, a emoção e as regras de convívio social. Quando

esse aprendizado funciona de forma interativa, faz com que cada um de nós saiba como se comportar.

Vamos trabalhar alguns exemplos sobre a socialização e o aprendizado das atitudes sociais. Para um mulçumano, por exemplo, faz sentido se autoflagelar quando morre um líder político, expressando todo seu pesar e sofrimento; todos esperam de seus colegas esse comportamento. Entretanto, em nossa cultura, os padrões, valores e hábitos são bem diferentes, e nossa reação diante da morte de políticos não segue esse tipo de conduta. Podemos citar muitos outros exemplos como este, e com isso percebemos como a cultura e os processos de socialização modelam nossa forma de perceber o mundo e agir em cada situação.

Quanto mais somos expostos a situações, mais as compreendemos, e nos tornamos pessoas mais seguras de nossas atitudes.

As pessoas aprendem como e em que momento podem utilizar as emoções. Durante uma cerimônia de casamento as pessoas não agem da mesma forma como em uma torcida de jogo. Em cada uma dessas situações é necessário saber como e em que momento expressar as emoções (como rir, chorar, gritar, levantar, sentar etc.).

Em cada cultura, esses padrões de comportamento coletivo variam imensamente, e quase não temos exemplos que nos permitam afirmar que cultura faz parte da nossa **natureza**. Se fosse "natural" o nosso comportamento, ele não sofreria tanta variação de um lugar para o outro, e de uma época para a outra, pois seguiríamos uma orientação única.

Entretanto, a imensa diversidade cultural humana reforça a tese segundo a qual a cultura é resultado da interação do indivíduo com seu grupo social. Ao mesmo tempo em que aprendemos e reproduzimos nossa cultura, colaboramos para suas mudanças ou para manter hábitos e tradições.

Você poderá constatar, nas próximas unidades, que de uma cultura para outra há variações em situações idênticas, que algumas vezes podem ser bem pequenas, mas outras vezes podem ser imensas.

As fronteiras entre o inato e o adquirido são extremamente tênues e vacilantes. Pode-se dizer que todo comportamento humano, do mais simples ao mais complexo, contém um pouco de cada uma dessas duas dimensões. Geertz¹ nos traz o exemplo da anatomia humana: natural e fisiologicamente preparada para a fala, de nada serviria se vazia de cultura, uma vez que é ela que nos fornece as línguas, os idiomas e os dialetos a falar (LEITÃO, Disponível em: <<http://www.geocities.com/deborakrischkeleitao/artigo.html>>).

Pense no caso dos funerais. A dor da perda de um indivíduo tem sido, ao longo da história humana, um caso de exemplo de diversidade. Os funerais são rituais que expressam diferentes questões humanas

¹ Geertz, (1989, p. 62).

com relação à inevitabilidade da morte, dos medos sobre a condição do morto após a morte, da putrefação do corpo, da perda de um ente querido, enfim, de uma infinidade de coisas que cada cultura responde de uma forma diferente.

A cremação e o canibalismo do corpo do indivíduo morto são formas de solucionar a sua decomposição física. Os egípcios desenvolveram o embalsamento para evitar esse processo. Já o sepultamento é uma forma de afastar os vivos dos mortos.



Saiba mais

Leitura complementar: procure pelo artigo de Rosenev Bellato e Emília Campos de Carvalho, chamado "O jogo existencial e a ritualização da morte", conforme indicação eletrônica abaixo:

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. de. O jogo existencial e a ritualização da morte. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, fev. 2005.

Há rituais fúnebres tradicionais, como os excêntricos realizados na cidade de *New Orleans* nos Estados Unidos. Há uma procissão que leva o corpo até o cemitério, acompanhada de uma banda de *jazz*, que segue entoando canções tristes e cheias de lamento. Os parentes e amigos que seguem a procissão a pé demonstram tristeza, perda e consternação.

Entretanto, ao sair do cemitério, a procissão faz o caminho inverso, retornando. E de fato, tudo se inverte. A música se torna alegre e agitada, e as pessoas que seguem a procissão dançam, demonstram muita alegria e satisfação.

Isso é um exemplo de diversidade, e de como dependemos de um aprendizado social para dar sentido a tais ações.

Em nossa cultura, seria considerado um desrespeito com o falecido e sua família sair do cemitério cantando e dançando alegremente, num tom de comemoração, como se houvesse felicidade pela morte. Para nós isso não é o "natural", e sim demonstrar pesar, tristeza e solidariedade pela dor da perda. Mas naquela cultura, é "natural" comemorar que a morte foi devidamente respeitada e sentida até aquele momento, e sair do "lugar dos mortos" feliz por acreditar que eles foram talvez para um lugar melhor, e também porque a vida deve ser comemorada.

Na ciência, em geral, não há uma ideia única ou provas que garantam quais traços de cada indivíduo seriam "inatos" e quais teriam sido "adquiridos". A "filosofia do homem comum" também não apresenta um consenso.

Você já percebeu frases muito comuns em nosso dia a dia, que ora defendem que somos fruto de uma herança genética e ora defendem a importância do aprendizado?

Vamos ver alguns exemplos:

- "Tal pai, tal filho." – Não parece que há uma crença na herança genética como fator que determina, e, portanto, que nosso comportamento é inato?
- "É de pequenino que se torce o pepino." – Há uma defesa da importância do comportamento adquirido, e, portanto, do aprendizado.
- "Diga-me com quem andas, e direi quem és." – Novamente percebemos a importância da influência da sociedade e da socialização.
- "A fruta nunca cai longe do pé." – Esse exemplo retoma a defesa das características inatas.

Portanto, quando você tiver a sua próxima atitude social, seja ir buscar um café para dar uma pausa nos estudos ou no trabalho, seja responder a um pedido de seu chefe, você poderá se lembrar que somos resultado de uma cultura, e que compreender seus mecanismos nos possibilita uma nova visão sobre os fenômenos humanos.

Síntese

Perceber que não somos apenas guiados pela genética e pelas chamadas características inatas e que é muito importante para valorizar os processos de convívio social.

Aprender a conviver em grupo e conhecer as regras desse convívio é essencial para desenvolvermos nossas potencialidades como humanos. Muito pouco de nossas habilidades são comprovadamente inatas, ou seja, herança de uma carga genética. A maior parte do que realizamos ao longo de nossas vidas dependem de processos de convivência em grupo e de troca de conhecimentos.

1.1 A relação entre indivíduo e sociedade

É possível afirmar que cada indivíduo é produto do meio, ou o produto de uma herança genética? Bem, qualquer cientista da área das ciências médicas e biológicas tende a dar uma resposta com ênfase às nossas características inatas, ou seja, que nascem conosco e podem definir tendências de comportamento.

Por outro lado, as ciências humanas procuram enfatizar a importância do meio social como modelador das capacidades inatas, que podem ou não ser desenvolvidas ao longo da vida de cada um. Para resolver esse impasse, precisamos considerar que nenhuma dessas ciências pode afirmar com plena certeza a respeito de todas as características do comportamento humano, pois ainda há muito a ser pesquisado e compreendido. Uma posição que pondere ambos os pontos de vista pode responder de forma satisfatória nossos questionamentos.

Sem dúvida cada um de nós carrega potencialidades diferentes para esta ou aquela tarefa, mas precisamos fazer escolhas ao longo de nossas vidas, e elas sempre são limitadas por condições

socioeconômicas, oportunidades, contatos sociais etc. Portanto, não há como verificar "se tivesse escolhido outra carreira, como teria me saído?"



Lembrete

A questão importante neste item é: o ser humano é produto do meio ou produto de sua própria natureza?

Nosso comportamento é resultado da combinação entre a influência de nossa cultura, nossas capacidades inatas e a história de vida pessoal. Para nos desenvolvermos plenamente como seres humanos, precisamos da referência de comportamento dado pela sociedade. É a partir dessa perspectiva que podemos reconhecer que cada um de nós é um "indivíduo social".

Para refletir sobre a imensa variedade de comportamentos individuais, que levam algumas pessoas a se revelarem "gênios", outras "heróis", outras "criminosos", temos que recorrer tanto às ciências sociais quanto às biociências. Sob o enfoque da perspectiva antropológica, obviamente nossa herança genética é importante e deve ser considerada como um fator que pode facilitar ou impedir certos comportamentos. Entretanto, essa herança por si só, não garante necessariamente a tendência aos indivíduos desenvolverem hábitos e características tão marcantes.

Vamos refletir mais sobre isso. Suponha que um cientista vá fazer uma pesquisa em favelas urbanas, onde os recursos materiais de sobrevivência são mínimos e as crianças têm pouco acesso à educação. Suponha que ele verifique que em um ambiente de cem crianças, cinco possuem o que chamamos de "ouvido absoluto", uma capacidade de distinguir com absoluta precisão as notas musicais emitidas. Apesar de possuírem essa capacidade, essas crianças dificilmente terão oportunidades sociais de desenvolver essa habilidade. Portanto, a habilidade inata, nesse caso, será de pouca valia para a vida pessoal dessas crianças.

Podemos desdobrar esse exemplo para outras características tais como o Q.I. (Quociente de Inteligência), habilidade para expressão corporal, memória etc. Podemos citar também características, tais como o gene da obesidade ou da dependência química. O fato de um indivíduo ser portador de qualquer uma dessas heranças genéticas não é suficiente para garantir que ele vá desenvolver um comportamento para utilizar bem esses recursos.



Lembrete

Um indivíduo pode ter uma carga genética que o destaca dos demais, como inteligência acima da média ou habilidade artística de excelência, mas, sem as condições sociais para desenvolver suas potencialidades, de nada adianta.

Assim, para a antropologia, a experiência estimulada e garantida pelo meio social pode ser muito mais determinante do que qualquer característica inata. O aprendizado, o reforço, o estímulo e o

reconhecimento de nossas atitudes e habilidades por parte do grupo social são de extrema importância para o desenvolvimento de características desejadas. Todos gostam de ser premiados, elogiados e reconhecidos, assim buscamos demonstrar empenho no desenvolvimento de habilidades esperadas pelo grupo social. Mas, ao contrário, quando somos reprimidos, repreendidos, tolhidos em certos comportamentos, sendo excluídos do bom convívio social, procuramos evitar esse comportamento.

Você consegue perceber como essa questão sobre o "inato" (característica que nos pertence desde o nascimento) *versus* o adquirido (influência do meio) faz parte de muitos campos profissionais?

Vamos trabalhar alguns exemplos. No campo das práticas esportivas, isso é muito comum. Pessoas muito talentosas e que se sobressaem, parecem ter "nascido para aquele esporte", ou no campo artístico, ou mesmo na ciência.

Essas pessoas muitas vezes se tornam "ídolos", não é mesmo? Pelé no futebol, atrizes como Fernanda Montenegro, Einstein na ciência, Mark Phelps na natação. São apenas poucos nomes, em uma extensa lista. O fato de essas pessoas terem um desempenho excelente no que fazem, ou fizeram, como tantos outros, é o que inquieta nossa compreensão. Parece que apenas explicações como "dons naturais" (ou mesmo "sobrenaturais") é que nos acalmam. Afinal, aceitar "apenas" que são pessoas que cada cultura, cada época produziu, parece pouco, não é?

A sociedade está o tempo todo nos apoiando ou reprimindo, e isso é necessário para que possamos ter uma garantia de que todos se comportem de forma ética e dentro dos padrões aceitos.

Certamente, os padrões mudam de uma época para outra, pois a sociedade é dinâmica e está em constante mudança. Portanto, temos que ter bom senso em relação à aceitação ou não de certas repressões e também de certos estímulos.

Como indivíduo, cada um de nós passa a vida sendo influenciado e influenciando a sociedade. É um processo recíproco do qual não temos como fugir, pois precisamos do convívio social.

Agora vamos pensar. A recíproca é verdadeira? Quanto é que cada um de nós pode interferir em nossa sociedade?

Isso é muito interessante. A resposta é sim. O grupo sofre a interferência de seus indivíduos. Uma sociedade que cria condições favoráveis, por meio de instituições e de sua determinação coletiva, ou de seus valores, para permitir que um número cada vez maior de indivíduos possa desenvolver plenamente suas potencialidades, se tornará uma sociedade melhor.

Isso acontece em qualquer grupo social, assim como na família ou nas empresas. As características de um grupo dependem das características de seus indivíduos, mas um e outro não podem fazer muita coisa isoladamente.

As realizações de uma coletividade estão sempre relacionadas com a possibilidade de seus indivíduos realizarem conquistas, que vão interferir diretamente na condição de todos. Claro que há

os "gênios" que surgem em todos os momentos da história. Gênios dos esportes, da intelectualidade, das artes, da religião, da política etc. Mas essa não é a realidade de todos os dias para todos os povos.

Para finalizar, portanto, consideramos "indivíduo" e "sociedade" aspectos inseparáveis para falarmos de seres humanos.

Para ilustrar essa discussão, leia um trecho do livro de Roque de Barros Laraia:

Em outras palavras, não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária. Santos Dumont (1873-1932) não teria sido o inventor do avião se não tivesse abandonado a sua pachorrenta Palmira, no final do século XIX, e se transferido em 1892 para Paris. Ali teve acesso a todo o conhecimento acumulado pela civilização ocidental. Em Palmira, o seu cérebro privilegiado poderia talvez realizar outras invenções, como, por exemplo, um eixo mais aperfeiçoado para carros de bois, mas jamais teria tido a oportunidade de proporcionar à humanidade a capacidade da locomoção aérea. Albert Einstein (1879-1955) não teria desenvolvido a teoria da relatividade se tivesse nascido em uma distante localidade do Himalaia e lá permanecido. Mas, por outro lado, se Alberto Santos Dumont tivesse morrido em sua primeira infância, fato comum no lugar e época em que nasceu, e se Albert Einstein tivesse sido consumido pela voragem de uma das guerras europeias do final do século XIX, a humanidade teria que esperar um pouco mais, talvez, pelas suas descobertas. Mas certamente não ficaria privada da teoria da relatividade e do aeroplano, pois outros cientistas e inventores estariam aptos para utilizar os mesmos conhecimentos e realizar as mesmas façanhas (LARAIA, 2006, p. 46-47).

Síntese

Portanto, para as ciências da sociedade, a herança genética dos indivíduos não é garantia para determinar seu desenvolvimento ao longo da vida. Essa natureza que dá características únicas a cada indivíduo depende de sua condição social e de sua interação com o meio. Os indivíduos sofrem interferência de seu meio social, e, por outro lado, o meio sofre a influência de cada um. Por isso, quanto mais a sociedade der condições de desenvolvimento das potencialidades de cada um, mais irá realizar feitos e conquistas.

1.2 A questão da influência da natureza sobre a cultura

É bastante comum a ideia de que o comportamento de um povo possa sofrer influências de elementos da natureza, como a genética ou o meio ambiente.

Há uma grande polêmica na ciência, mas de uma forma geral, há também um consenso que gira em torno da afirmação que elementos naturais podem influenciar, mas nunca são os únicos fatores a determinar o comportamento de um povo.

Apesar desse consenso, existem ainda aqueles que retiram a importância da cultura e explicam o comportamento humano apenas por fatores que não fazem parte de escolhas humanas, como a genética ou o ecossistema². Para os que defendem que a cultura é um mero reflexo das condições naturais de um povo (sua genética e seu ecossistema), há as teses que chamamos de "determinismo biológico" ou, ainda, o "determinismo geográfico".

Roque de Barros Laraia, antropólogo brasileiro, demonstra em seus capítulos iniciais do livro *Cultura: um conceito antropológico*, que essas teses são equivocadas e não consideram dados importantes. A antropologia preocupa-se em demonstrar a importância da cultura e minimizar coisas como nossas características físicas ou o clima e a geografia do lugar em que nascemos.

Ao discordar das teses deterministas, ele argumenta que mesmo em ambientes muito semelhantes, mas distantes geograficamente, os grupos humanos desenvolvem hábitos muito diferentes.

A princípio esse raciocínio pode nos enganar. Muitas vezes pensamos: "oras, se um povo vive no frio deve construir uma casa com matérias-primas quentes, forradas de peles, com paredes bem grossas". Mas as coisas humanas não seguem um padrão tão lógico. Os esquimós vivem em um clima de extremo frio, mas constroem casas com blocos de gelo, os famosos iglus. Em compensação, em outro continente, mas na mesma latitude, estão povos tradicionais conhecidos como "lapões". Também conhecidos como "sami", ocupavam territórios que hoje correspondem à Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia. Ao invés de iglus, eles viviam até o início do sec. XX em tendas feitas de pele de rena.



Saiba mais

Você está curioso sobre esses povos? Pesquise na Internet sobre eles, veja imagens e saiba mais sobre a vida tradicional deles. Mas veja, é interessante lembrar que como outros povos do planeta, eles já não vivem mais da maneira tradicional, e adquiriram hábitos de moradia e estilos de vida bem semelhantes aos nossos. Certo? Mas, em todo caso, segue algumas dicas de sítios da internet para você saber mais sobre lapões (sami) e esquimós.

– WIKIPEDIA – verbete "Lapónia" <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lap%C3%B3nia_%28povo_Sami%29>

² As características genéticas fazem parte de uma herança biológica que os indivíduos não podem controlar, por isso afirma-se que são influências das quais não podemos fazer escolhas; o mesmo se dá com o meio ambiente e as características naturais do território que abriga um povo. Populações inteiras precisam se adaptar ao deserto, enquanto outras possuem florestas e rios. Nada disso é resultado das escolhas humanas.

– WIKIPEDIA – verbete "Esquimós"

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquim%C3%B3s>>

A seguir algumas imagens para que você possa comparar a diversidade de vestuário e habitação, para o mesmo clima, como cita Laraia (2006):



Figura 1 – Vestuário sami.



Figura 2 – Família Sami em 1900 com tenda ao fundo.



Figura 3 – Esquimós.



Figura 4 – Exterior de iglu.

Leia este trecho para perceber a importância desse debate sobre a relação natureza versus cultura:

São velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a "raças" ou a outros grupos humanos. Muita gente ainda acredita que os nórdicos são mais inteligentes do que os negros; que os alemães têm mais habilidade para a mecânica; que os judeus são avaros e negociantes; que os norte-americanos são empreendedores e interesseiros; que os portugueses são muito trabalhadores e pouco inteligentes; que os japoneses são trabalhadores, traiçoeiros e cruéis; que os ciganos são nômades por instinto, e, finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses.

Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais (LARAIA, 2006, pg. 17).

Os antropólogos reforçam a tese de que não existem determinismos, a cultura não é uma mera herança natural e a espécie humana é mais complexa do que a combinação entre genes e clima.

De todas as pesquisas desenvolvidas pela antropologia entre diferentes povos, há uma única e primeira proposição que nos faz pensar que eles têm razão. Por exemplo, tome um bebê de qualquer origem genética, mas o leve a ser criado em uma cultura, entre um povo bem diferente de sua origem.

Essa criança, com toda certeza, vai desenvolver linguagem, valores e hábitos cotidianos que são compatíveis com seu lugar de desenvolvimento, e não de seu lugar de origem. Não há facilidade ou dificuldade para aprender qualquer língua, hábito alimentar ou crença, quando crescemos com tudo isso como algo normal.

Assim, por exemplo, se um casal da Dinamarca adotar um bebê japonês, e jamais ensinar a essa criança como comer com "palitos", ela vai ter tanta dificuldade em aprender isso quanto qualquer ocidental que aprendeu a comer com talheres.

Por isso, não é correto confundir características de comportamento que são culturais e desenvolvidas pela história de um povo, com uma espécie de "essência", como se fosse sua natureza que determina.

O comportamento cultural é um conjunto complexo de conhecimentos desenvolvidos ao longo de gerações, como necessidades, crenças, valores e ética de vida coletiva, entre outras coisas.

Por isso, julgar uma cultura é uma operação que requer, antes de mais nada, que se conheça suas razões. O julgamento sem conhecimento de causa se chama **preconceito**.

Para enriquecer esse debate, leia o trecho abaixo em que os autores demonstram os erros do pensamento determinista.

O determinismo biológico

No século XIX e na primeira metade do século XX, o conceito de raça fazia parte da centralidade do debate em torno do determinismo biológico. Nessa época, fervilhavam teorias que defendiam a existência de capacidades específicas, inatas de determinadas raças. Assim, era comum a defesa de teorias que se baseavam na existência da superioridade-inferioridade dos povos, ignorando por completo as suas diferenças como elemento fundamental da diversidade humana. Essa condição se reproduziu dentro de lógicas racistas e de intolerância face às diferenças culturais, políticas, sociais, econômicas e ambientais.

Apesar da perplexidade de parte da sociedade, foi possível, em pleno século XX, o redescobrimto de atitudes refletindo o velho pensamento sobre inferioridade-superioridade das raças. Mas existem aqueles que ainda acreditam na diferença inata entre "povos do norte" e "povos do sul".

Baseados em concepções em que os fatores de ordem biológica determinam o comportamento humano, muitos chegaram a defender verdadeiros absurdos que, drasticamente, ganharam corpo e ressonância em nível mundial. Na Alemanha, a concepção da superioridade da raça adquiriu *status* de uma ideologia de Estado (o nazismo), atingindo proporções avassaladoras a partir de 1939. Uma concepção de cultura local ou regional que se elevou a um sistema de explicação justificando uma doutrina de Estado. (CANTO; ALMEIDA, 2008).

As ciências, de forma geral, e as ciências humanas, em particular, exigem atitudes de imparcialidade. Julgar populações inteiras e seus costumes não faz parte de uma atitude científica. Grande parte do conhecimento da antropologia procura demonstrar a falta de fundamentos válidos em atitudes preconceituosas que estão presentes no costume de "julgar os outros".

Até mesmo a "guerra dos sexos", que é uma reação feminina ao machismo predominante em nossa sociedade, usa a tese do determinismo biológico para desfavorecer o sexo feminino. Vale lembrar que, muitas vezes, há um reforço de que "a natureza feminina" e a "natureza masculina" sejam a explicação para situações criadas ao longo da história, e que servem para reforçar a ideia de que deve existir um sexo submisso (feminino) e um sexo dominante (masculino).

Mas, mesmo sobre essas ideias preconceituosas, a antropologia procura demonstrar que não há verificação válida para sustentar a relação desigual entre os sexos.

Leia abaixo um trecho do livro de Roque de Barros Laraia:

A verificação de qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica. O transporte de água para a aldeia é uma atividade feminina no Xingu (como nas favelas cariocas). Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável, muito maior do que o necessário para o manejo de um arco (arma de uso exclusivo dos homens). Até muito pouco tempo, a carreira diplomática, o quadro de funcionários do Banco do Brasil, entre outros exemplos, eram atividades exclusivamente masculinas. O exército de Israel demonstrou que a sua eficiência bélica continua intacta, mesmo depois da maciça admissão de mulheres soldados (LARAIA, 2006, pg. 19).

É importante lembrar que todo tipo de tese que procura explicar características de comportamento humano por meio de uma única explicação pode ser questionada.

O ser humano é um fenômeno bastante complexo para ser explicado apenas por meio de sua biologia, ou de sua localização geográfica, de sua influência em relação aos outros. A antropologia procura demonstrar que a vida social permite uma grande riqueza de interpretações e abordagens sobre o comportamento humano.

A diversidade cultural demonstra essa complexidade. Em todos os lugares em que se forma um grupo humano há a tendência à inovação, à criação de novas condutas e formas de pensar o mundo.



Observação

O que são as teses "deterministas"?

- São teses que procuram explicar o comportamento de populações humanas, a partir da **determinação** de um ou dois únicos fatores.
- Chamam-se deterministas porque pretendem que a biologia ou a geografia de um povo **determine** todo o seu comportamento.

A antropologia e todas as ciências da sociedade **discordam** dessas teses deterministas e procuram demonstrar que, na maior parte das vezes, a biologia e a geografia **influenciam** certos comportamentos, mas nunca os determinam.

Uma cultura é sempre o conjunto de muitos fatores, como a história desse povo, suas necessidades e formas de supri-las; os valores e conhecimentos transmitidos; o conjunto de hábitos e regras sociais etc.

Síntese

O ser humano depende da cultura para realizar suas capacidades inatas, como inteligência e comunicação. É por meio da socialização que nos tornamos membros de uma sociedade. Não existem indivíduos que não sejam parte de uma sociedade. Somos, ao mesmo tempo, modelados por ela e podemos transformá-la, pois a cultura é dinâmica e está sempre sendo modificada pelos indivíduos.

Apesar de nascermos com algumas características inatas, ao longo de nossas vidas, as oportunidades sociais para desenvolvê-las serão extremamente importantes. Não adianta nascer com um Q.I. de gênio e, por necessidade ou opção, desenvolver uma carreira que depende do desempenho físico e não do cérebro.

A antropologia recusa as teses deterministas, pois afirma que somos seres complexos, pois nossa espécie é resultado de influências biopsicossociais. Ou seja, nossa composição inata (herança biológica e características que "nascem" com cada um de nós) é influenciada e influencia nossas características psicológicas e, finalmente, as características psicológicas influenciam e são influenciadas pela nossa experiência social.

Você consegue perceber como esses três aspectos que definem o comportamento humano atuam em uma complexa relação de interferências mútuas? Nosso corpo, que é orgânico, interfere em nossas emoções, que por sua vez interferem em nossa vida social. Nossas emoções, que são os aspectos psicológicos, interferem em nosso organismo e em nossa vida social. Nossa vida social, que não está sob nosso controle pessoal, interfere em nosso organismo e em nossas emoções. É um exercício quase infinito de exemplos que poderíamos trabalhar, demonstrando como **apenas** o componente biológico, ou **apenas** o psicológico, ou **apenas** o social não determinam nada. A interferência entre os três aspectos é que produz o ser humano.

Se não há determinismos, o que explica a diversidade cultural?

O ser humano é uma espécie moldável e criativa. Em cada grupo social, as respostas às necessidades resultam em uma história que é única para aquele grupo. Portadores das marcas da história, das experiências coletivamente vividas, das soluções criadas, os grupos vão construindo um conjunto absolutamente único que é sua cultura.

A cultura é um processo e não resultado de um único fator.



Saiba mais

Sugestão de leituras:

CANTO, O.; ALMEIDA, J. *Meio ambiente: determinismos, metamorfoses e relação sociedade – natureza*. *Revista de Estudos Paraenses*, v. 3, p. 91-102, 2008.

2 O SURGIMENTO DA CULTURA

Objetivos

Voltar às origens da cultura é também voltar à origem da humanidade. Ter costumes e hábitos aprendidos é um comportamento relacionado com a nossa sobrevivência e evolução enquanto espécie.

O tema possibilita uma abordagem que ressalta a importância da compreensão do ser humano como um ser biopsicossocial, ou seja, somos seres cujo comportamento é determinado ao mesmo tempo por nossas características orgânicas (o tipo de aparelho físico que temos e como podemos utilizá-lo), por nossas experiências pessoais racionais ou afetivas de mundo, e, finalmente, pelo meio social onde vivemos.

Introdução

Parece que todo ser humano tem como qualidade inata (que nos pertence desde o nascimento) certos comportamentos, como preferir alguns tipos de roupas ou alimentos, e ainda se comunicar por meio desta ou daquela língua.

Pois a antropologia, junto com outras ciências como a arqueologia, a paleontologia e a história, explorou profundamente essa questão sobre a diferença do homem em relação ao resto do mundo animal, e pôde concluir que nosso comportamento é fruto de um processo histórico no qual a **biologia** e a **cultura** modelaram nossos ancestrais. Esse trabalho conjunto entre nosso desenvolvimento biológico e a cultura foi responsável por tamanhas mudanças em nossa espécie, que hoje achamos um fato "natural" não necessitarmos entrar na "luta pela sobrevivência", na "lei da selva".

Quem começou a inventar palavras para dar nomes às coisas, ou saber quais alimentos são comestíveis e como devemos prepará-los? Quem inventou o primeiro tipo de calçado, ou descobriu como fabricar o vidro? Enfim, como surgiu a cultura? Que importância decifrar esse fato pode ter para nossa compreensão de ser humano?

Essas questões devem ser respondidas ao longo desse tema.

Principais conceitos

Biologia, cultura, evolução, adaptação, troca, reciprocidade, sociedade.

2.1 A teoria da evolução

No século XIX Charles Darwin (biólogo), afirmou que todas as espécies vivas resultam de uma **evolução** ao longo do tempo. Isso significa, que se retornássemos em nosso planeta milhões de anos atrás não encontraríamos as espécies conforme as vemos hoje.

Cada ser vivo, para chegar até hoje, passou por sucessivas e pequenas transformações que possibilitaram sua sobrevivência; esse processo de mudanças orgânicas ocorre por necessidade de **adaptação ao meio**. Essas mudanças ocorrem em conjuntos em populações de uma espécie, então é necessário considerar cada uma delas como grupo, e não apenas as características individuais. Certo?

Junto com a necessidade de adaptação ao meio vem a outra exigência para uma espécie evoluir, que é a **seleção natural**. A seleção natural significa que sobrevivem por mais tempo os indivíduos mais aptos a sobreviver. Como são mais aptos, por estarem mais adaptados, eles têm mais chances de reproduzir e deixar essa carga genética para a próxima geração. Assim, os indivíduos gerados pelos que passaram por essa seleção, serão ainda mais privilegiados a sobreviver, pois já nascem com "vantagens genéticas" e passam mais uma geração adiante essa vantagem adaptativa.

Vamos ver como a adaptação ao meio e a seleção natural funcionam em conjunto?

Consideremos que as condições do meio como clima, quantidade na oferta de alimentos e todas as questões relacionadas às condições ambientais estão em constante mudança. Pois bem, as formas de vida existentes precisam acompanhar essas mudanças, estando sujeitas, segundo Darwin, a dois destinos: a) podem se adaptar e, ao longo de muitas gerações, apresentarem mudanças visíveis; b) não conseguem se adaptar, entrando em extinção.

Quais são as espécies que conseguem se adaptar? São as que possuem alguns indivíduos de seu grupo dotados de características tais que o permitem sobreviver e gerar uma prole (conjunto de filhos) que dá continuidade a essas características. Os outros indivíduos da mesma espécie que não possuem tais características, não conseguindo "lutar" pela sobrevivência, têm mais chances de morrer sem deixar descendentes. Assim, após muitas gerações, temos uma espécie que já não se parece com seus primeiros indivíduos.



Observação

Atenção: Falar em evolução e adaptação não significa que **sempre** sobrevivem os mais fortes. A força pode ser uma necessidade para sobreviver, mas muitas vezes são outras as exigências. Pode ser a habilidade para enxergar no escuro, ou a capacidade de voar mais alto, ou mesmo ter que voar bem baixinho. Pode, ainda, ser a habilidade de pensar.

Veja que da perspectiva evolucionista, adaptação significa basicamente ser dotado de uma habilidade qualquer, mas que é fundamental para os indivíduos de uma população sobreviverem de forma ótima. E ainda por cima, transmitirem seus genes para a próxima geração.

Quer um exemplo? Suponhamos que como consequência de uma terrível guerra, um povo não tivesse alternativa a não ser passar a viver em uma imensa caverna. Eventualmente alguns indivíduos saem para buscar alimentos, mas procuram fazê-lo no período noturno, quando ficam menos expostos.

Com certeza os indivíduos que tenham como características próprias a facilidade de enxergar um pouco mais que os outros no escuro, facilidade em passar longos períodos em ambientes fechados e autocontrole para não provocar conflitos com outros seriam indivíduos mais bem adaptados.

Essa "vantagem" lhes proporcionaria maior probabilidade de sobrevivência, e, por isso, teriam maiores chances reprodutivas, podendo transmitir certas características para a próxima geração. Enquanto isso, os que não demonstrassem adaptabilidade pereceriam.

Pois bem, após muitas e muitas gerações vivendo sob essas circunstâncias, as características físicas desse grupo, comparadas ao outro inicial, devem ser tão diferentes, que poderíamos dizer não se tratar da mesma família ou espécie. Enxergariam perfeitamente no escuro, ao contrário dos outros humanos que continuaram na superfície. Talvez até mesmo isso resultasse em um formato de fossa orbital (esse "buraco" em nosso crânio onde se alojam os olhos) completamente diferente.

A possibilidade da geração de uma prole com características que permitam a adaptação ao meio é, para os evolucionistas, chamada de "seleção natural" – sobrevivem apenas aqueles indivíduos com traços que os permitam sobreviver. Ao lado da seleção natural, as mutações aleatórias também são responsáveis pelas modificações de um organismo ao longo do tempo.



Saiba mais

Você gostaria de ler um pouco mais sobre o tema "seleção natural"? Pois bem, tente o texto disponível na Internet como está abaixo:

PAZZA, R. *Seleção natural*. Projeto Evoluindo – Biociência.org. (2005) Disponível em: <<http://www.evoluindo.biociencia.org>>.

A teoria da evolução é um assunto bastante específico de interesse para quem segue as áreas de saber relacionadas com a biologia. Por isso, se você tem interesse em ler mais sobre o assunto, há algumas indicações abaixo:

MARCONDES, A. *Teoria é a plataforma básica para os estudos biológicos*. In: UOL. *Portal UOL Educação*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biologia/ult1698u40.jhtm>>. Acesso em: 12 out. 2010.

ARAGUAIA, M. *Evolução*. In: BRASIL ESCOLA. *Biologia Evolutiva*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biologia/evolucao.htm>>. Acesso em: 12 out. 2010.

Uma das dificuldades do senso comum em aceitar as ideias evolucionistas está no fato de que não podemos "ver" a evolução acontecendo – apesar de ela estar sempre acontecendo – isto é, não testemunhamos alterações expressivas, pois as mudanças são muito sutis e ao longo de um período de tempo que é muito longo do ponto de vista do ser humano.

As alterações podem ser consideradas em intervalos de tempo não inferiores a cem ou duzentos mil anos. Portanto, muito além de qualquer evento que possamos acompanhar. Mas podemos acompanhar a luta pela sobrevivência e a mudança de hábitos em muitas espécies, como os pombos que povoam as cidades, mas não estão tão concentrados demograficamente nos campos. Essa espécie encontrou um ambiente ótimo nas cidades construídas pelos seres humanos, aprendendo rapidamente como obter abrigo e alimento, com a vantagem de estar livre de predadores como nas florestas e campos. Faz parte de sua evolução esse novo ambiente.

Assim, entendemos que a evolução biológica de todas as espécies vivas não acontece sem a influência de muitos fatores, não acontece de forma "mágica" e independente do tipo de meio e hábitos que podemos observar.

Hoje em dia o darwinismo está com uma nova roupagem e temos teorias como o pós-darwinismo ou neo-darwinismo, que são consequência do desenvolvimento de nossa tecnologia de pesquisa, e do próprio conhecimento, cujas portas foram abertas por Charles Darwin para seus sucessores.



Saiba mais

Leituras e pesquisas complementares

CANTARINO, C. Natureza, cultura e comportamento humano. In: LABJOR. *Comciência*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200407/reportagens/07.shtml>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

RIBEIRO, F. J. L.; BUSSAB, V. L. R. Biologicamente Cultural. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Org.). *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 177-203.

2.2 O aparecimento do *Homo Sapiens* – uma espécie que trabalha

O homem descende do macaco. Essa foi a afirmação polêmica de Darwin na segunda metade do século XIX e que dividiu opiniões na sociedade moderna. Essa polêmica permanece até hoje, pois encontrou como opositor o ponto de vista de uma prática humana muito mais antiga que a teoria da evolução: a religião.

Não conhecemos nenhuma crença em nenhuma cultura que coincida e concorde totalmente com a afirmação de Darwin. Da perspectiva das crenças, a criação da vida é atribuída a um "ser criador", a algo externo e superior a toda a vida existente. Pois bem, para pensar como Darwin, e a maior parte dos cientistas até hoje, esqueça suas crenças.

A ciência não reconhece como possível a existência de seres superiores que tenham dado origem à vida, e muito menos entende que o ser humano é uma espécie "privilegiada" ou "superior", seja pela capacidade de raciocínio, seja pela capacidade de criar crenças.

Para os evolucionistas, todas as espécies vivas foram surgindo das transformações de outras já existentes, dando origem a novas espécies, enquanto outras se extinguiram. Os primeiros humanos, chamados cientificamente de homínídeos, surgiram das transformações de algumas famílias de símios que fazem parte dos chimpanzés.



Lembrete

Veja: a ciência entende o desenvolvimento da vida biológica como algo sobre o qual não cabe fazer juízo de valor. Ou seja, não existem formas de vida "melhores" ou "piores". Não existe uma hierarquia que seja comprovável e que permita dizer que uma espécie seja "superior" às outras.

Nossa espécie surgiu devido às mudanças biológicas e ao surgimento da cultura. Que mudanças biológicas são essas que nos diferenciam dos símios? O aumento da caixa craniana que nos dotou de um volume cerebral muitas vezes maior que o de um macaco. A postura ereta, que possibilita utilizarmos apenas os membros inferiores para nos locomover. E o surgimento do polegar opositor, que possibilita à nossa espécie a capacidade do chamado "movimento de pinça". É a partir dessas três características básicas que desenvolvemos inúmeras outras características fascinantes como a capacidade da fala ou, ainda, de fabricar instrumentos para nossa sobrevivência.

Mas essas características como inteligência, fala e indústria não teriam surgido em nossos ancestrais se não fosse a presença de um tipo de comportamento que ajudou a modelar o corpo de nossos ancestrais, que é o comportamento baseado na **cultura**. Ou seja, a necessidade de comunicação, cooperação e divisão de tarefas facilitou o desenvolvimento dessas características **biológicas**.

- **Características biológicas:** forma, funcionamento e estrutura do corpo. É a nossa anatomia, características herdadas biologicamente e que não são resultado da nossa escolha pessoal.
- **Características culturais:** todo comportamento que não é baseado nos instintos, mas nas regras de comportamento em grupo que nos permite transformar a natureza para a sobrevivência (trabalho), e nos permite atribuir significados e sentidos ao mundo por meio dos símbolos (a cor branca, por exemplo, simboliza a paz, ou um tipo de vestimenta que simboliza *status*).

Durante muito tempo pensou-se que o ser humano já teria surgido plenamente dotado dessas características em conjunto.

Hoje sabemos que nossa cultura foi determinante para modelar nossas características biológicas ao longo do tempo, e vice-versa. Nossos ancestrais foram lentamente se transformando em humanos, e essa espécie que somos agora, foi aos poucos sofrendo pequenas transformações que ao longo de milhões de anos nos diferenciaram totalmente de qualquer ancestral símio.

Há muitas questões importantes sobre a teoria da evolução e que parecem não ter resposta. A mais comum, vamos lembrar? Se o homem evoluiu do macaco, por que o macaco não evoluiu?

É importante que você saiba que a teoria da evolução afirma que o ser humano e o macaco têm um **ancestral comum**. Ou seja, os macacos evoluíram sim! Os macacos atuais não são os mesmos de milhões de anos atrás. O que ocorreu, foi que um ancestral comum, deu origem a diferentes famílias de símios, e cada uma delas se adaptou de forma distinta, gerando espécies distintas. Vamos ver uma figura que ilustra bem isso?

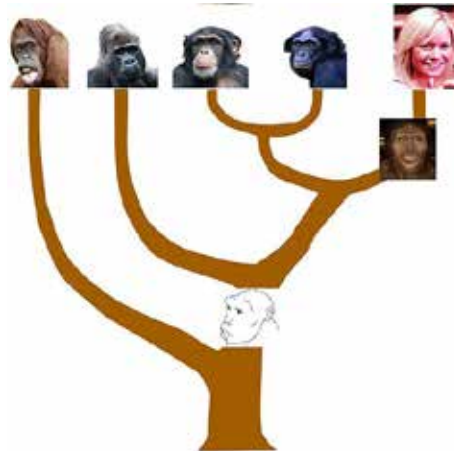


Figura 5

Você pode analisar nessa ilustração a lógica da evolução para a nossa espécie. Um mesmo animal, que é esse desenhado mais próximo à base da árvore, deu origem a muitas famílias diferentes de macacos. Aquela foto à direita, acima de nosso ancestral comum, é um *Australopithecus afarensis*, ou a famosa Lucy, reconstituída digitalmente, pois temos apenas o esqueleto dela para recompor sua provável aparência. Pois bem, e do *Australopithecus afarensis* que surgiram três outras espécies "modernas": os chimpanzés e os humanos.

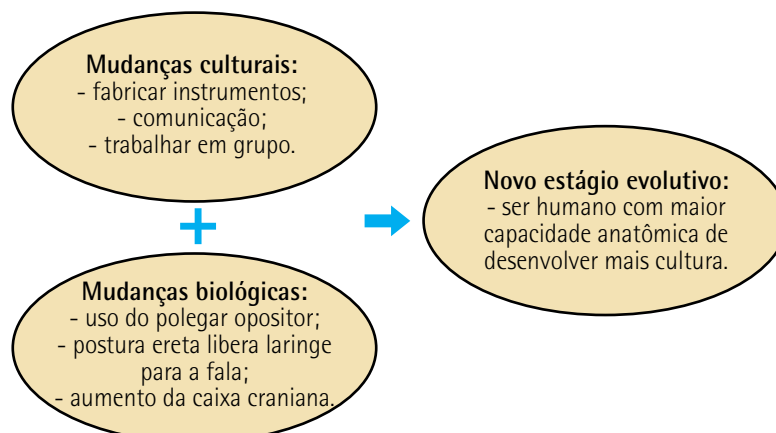
Então, entre os *Australopithecus afarensis* e nós, alguns milhões de anos se passaram, até que nascesse o primeiro *homo sapiens*. Há muitas outras famílias ancestrais que ocupam esse intervalo de tempo. Certo?

A questão evolutiva humana mais básica é:

Por que nossa espécie mudou tanto?

A resposta é que a biologia e a cultura colaboraram ao mesmo tempo para as grandes mudanças em nossos ancestrais. Veja o esquema abaixo:

Quadro 1



A necessidade de agir de forma cada vez mais humana (distante dos "macacos") afeta a seleção natural. A seleção natural permite que indivíduos mais preparados para que se tornem humanos sobrevivam, acentuando o ritmo evolutivo.

No início da história humana, nossos ancestrais eram muito semelhantes a um macaco. Tinham mais pelos no corpo, o cérebro era menor e a mandíbula maior. A postura não era totalmente ereta e as mãos não tinham muita habilidade, pois o polegar ficava mais próximo dos outros dedos.

O tamanho do cérebro foi aumentando muito devagar, como também a postura ereta surgiu gradualmente, e igualmente o polegar opositor não surgiu repentinamente. A cada geração, mudanças muito sutis transformaram a espécie, e nesse processo a cultura teve um papel fundamental, pois possibilitou ou exigiu que nosso ancestral desenvolvesse comportamentos capazes de mudar nossa estrutura biológica.

Exemplo: sabemos que o surgimento da fala tem relação com duas características que são a posição da laringe resultante da postura ereta e a utilização das mãos para trabalhos de fabricação de instrumentos. Ao fabricar os chamados instrumentos de "pedra lascada", nossos ancestrais permitiram operações mais complexas e passaram a utilizar uma área do cérebro, que é a mesma que nos permite falar.

Segundo uma grande quantidade de pesquisas arqueológicas, que consistem na teoria científica mais aceita, a origem dos primeiros humanos ocorreu no continente africano entre 200 e 100 mil anos atrás.

Esse grupo teria começado sua migração para fora da África entre 65 e 50 mil anos atrás, povoando os outros continentes. Nesse longo caminho, as famílias humanas foram adquirindo características físicas diferentes em função tanto da necessidade de adaptação a novos meios, como pela combinação da carga genética de cada grupo.

A evolução humana ou antropogênese é a origem e a evolução do *Homo Sapiens* como espécie distinta de outros hominídeos, dos grandes macacos e mamíferos placentários. O estudo da evolução humana engloba muitas disciplinas científicas, incluindo a antropologia física, primatologia, arqueologia, linguística e genética.



Observação

O termo "humano" no contexto da evolução humana, refere-se ao gênero *Homo*, mas os estudos da evolução humana usualmente incluem outros hominídeos, como os australopitecos. O gênero *Homo* se afastou dos australopitecos há cerca de 2,3 e 2,4 milhões de anos na África. Os cientistas estimam que os seres humanos ramificaram-se de seu ancestral comum com os chimpanzés – o único outro *hominins* vivo – cerca de 5-7 milhões de anos atrás. Diversas espécies de *Homo* evoluíram e agora estão extintas. Estas incluem o *Homo erectus*, que habitou a Ásia, e o *Homo neanderthalensis*, que habitou a Europa. O *Homo sapiens* arcaico evoluiu entre 400.000 e 250.000 anos atrás (WIKIPEDIA).

É importante compreender que nossa espécie não é fruto de coisas inexplicáveis, mas resulta de um longo e lento processo de evolução, que significa mudanças ao longo do tempo. Essas mudanças, por sua vez, são fruto de uma dura luta por parte de nossos ancestrais para sobreviver em condições pouco favoráveis e convivendo com espécies mais fortes e predadores mais bem preparados fisicamente para tal. Nossos ancestrais não tinham a mesma caixa craniana que temos hoje, e não eram tão inteligentes; não tinham a postura totalmente ereta, e não viviam em cidades. Eram mais uma espécie entre tantas outras, e o pouco que puderam fazer então determinou sua sobrevivência, e mais que isso, determinou **como** somos hoje³.

Sobreviveram lascando uma pedra na outra para conseguir objetos pontiagudos e cortantes que serviam como arma de caça, como raspador de alimentos ou qualquer utilidade para a vida humana. Dormiam em cavernas, ao invés de fabricar abrigos. Durante muito tempo o domínio do fogo era um mistério, portanto, não comiam muitos alimentos cozidos.

Nessa época não havia escrita, e os únicos vestígios de comunicação encontrados são as pinturas em cavernas (arte rupestre) e pequenas estatuetas representando figuras femininas. Eram organizados em bandos que praticavam caça e coleta, por isso, dependiam de deslocamentos constantes em busca de alimento. Durante quase quatro milhões de anos sobreviveram dessa forma, e nesse período de tempo a forma física foi se alterando, até que no chamado período Neolítico (Idade da pedra polida) houve uma revolução.

A "revolução neolítica" foi um período marcante em nossa evolução, durante o qual o ser humano desenvolveu técnicas determinantes para a história de nossa espécie:

- a agricultura;
- a domesticação de animais.

Essas mudanças no estilo de vida permitiram o **sedentarismo**; nosso ancestral humano começou a construir abrigos e povoados ao invés de habitar em abrigos naturais como cavernas e rochas.

Principais mudanças que surgiram no período Neolítico – aproximadamente de 12.000 a 6.000 a.C.

- a sociedade se divide em camadas sociais;
- primeiras manifestações religiosas, crenças em divindades;
- sedentarismo;
- surgem a cerâmica e a tecelagem;
- surge o comércio e o uso de moeda (inicialmente eram sementes e não metal cunhado);
- começa a divisão sexual do trabalho, que determina as tarefas masculinas e as femininas;
- fundição de metais;
- surge a propriedade privada.

O período Neolítico termina quando surge o domínio da escrita.

³ Essas afirmações são baseadas em evidências como: achados fósseis e todo tipo de material arqueológico; pesquisas do conjunto das ciências que estudam a história da vida em nosso planeta como a geologia, a biologia e a física.



Saiba mais

Você já assistiu a algum documentário que reconstitui a vida humana nesse período? Ou algum filme? Há um clássico do cinema europeu, que se chama *A guerra do fogo*. Nesse longa-metragem, o diretor reconstrói de forma ficcional, um momento de nossa evolução no qual diferentes estágios evolutivos de seres humanos conviviam. Então ele mostra tribos humanas que ainda não sabiam fazer o fogo, não tinham linguagem, viviam em cavernas, e outras que já tinham uma cultura bem desenvolvida com língua própria, aldeias com construções de cabanas, rituais, chefes e assim por diante. É uma boa dica para você entrar em contato com essa história muito inicial da humanidade.

Outra fonte para sua pesquisa na internet, se você quiser aprofundar seu conhecimento nesse assunto, é o documentário produzido pelo Discovery Channel:

HOMEM PRÉ-HISTÓRICO: Vivendo entre as Feras. Direção: Pierre De Lespinois. Produção: Discovery Channel. Estados Unidos: 2002. (100 min.) 1 DVD.

A agricultura e a domesticação de animais significaram a garantia de alimentação dos grupos humanos, independentemente do sucesso na caça e na coleta. Isso permitiu à nossa espécie se fixar por períodos prolongados em determinados lugares, formando aldeias o que colaborou para o crescimento demográfico.

É nesse momento que o ser humano começa a **trabalhar**, e não mais viver da caça/coleta que o tornava dependente dos recursos nos territórios habitados.

A introdução do trabalho como estratégia de sobrevivência depende de um padrão estabelecido em nossa evolução, que se baseia em:

- divisão de tarefas;
- cooperação com o grupo;
- especialização.

Trabalhar dessa forma permite produzir mais do que o necessário para a sobrevivência, pois pode estabelecer troca com outras comunidades humanas. Surge, então, a **produção de excedentes**.

Essas características são importantes, uma vez que possibilita que cada um de nós realize apenas um tipo de tarefa. Não é possível produzir sozinho tudo o que necessitamos em nossa vida. Se a capacidade

de trabalho, baseada nos princípios acima, não tivesse sido desenvolvida, provavelmente, nossos ancestrais não teriam tido sucesso em sua evolução, e nenhum de nós estaria aqui hoje, compartilhando a condição de seres humanos.

Leia o trecho abaixo em que o autor demonstra como o trabalho e os rituais coletivos são uma forma de especialização desde o princípio da humanidade. E como esses atos implicam em uma relação de ensino-aprendizagem que se encontra "imersa".

Durante quase toda a história social da humanidade a prática pedagógica existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois, de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção. Ali os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem. Imersa no ritual: seja no enterro de um morto (os homens do paleolítico superior já faziam isto com todo o cuidado), num rito de iniciação, ou em outra qualquer celebração coletiva, as pessoas cantam, dançam e representam, e tudo o que fazem não apenas celebra, mas ensina. E não ensina apenas as artes do canto, da dança e do drama. Ritos são aulas de codificação da vida social e de recriação, através dos símbolos que se dança, canta e representa, da memória e da identidade dos grupos humanos. Imersa nos diferentes trabalhos do viver o cotidiano da cultura: aparentemente espontâneas e desorganizadas, as situações de brincadeiras de meninos, as trocas de adolescentes e as trocas do amor entre jovens são momentos de trocas de condutas e significados, regidas por regras e princípios que, aos poucos, incorporam à pessoa de cada um os códigos das diferentes outras situações da vida social. Incorporam, no seu todo, a própria estrutura simbólica da sociedade no universo pessoal de ideias, ações e sentimentos de cada pessoa. (BRANDÃO, 1997).

Até os dias de hoje utilizamos essas habilidades de trabalho em grupo para viabilizar nossa existência social. A capacidade de dividir tarefas, cooperar e se especializar permite atingir objetivos com resultados mais efetivos e também possibilita um conjunto social com melhor qualidade de vida.

O conjunto de tudo que o grupo social produz torna viável uma existência cultural, nos libertando da "lei da selva". O trabalho humano se fundamenta em características básicas como comunicação e cooperação⁴. Fixando-se em um lugar, inaugurando o sedentarismo, o ser humano passa a viver em uma sociedade organizada.

⁴ É sabido que muitas espécies trabalham de forma organizada e com divisão de tarefas especializadas. Esse é o caso das abelhas e das formigas, por exemplo. A diferença entre o mundo animal e a humanidade, é que essas espécies agem de acordo com seus instintos, já o Homem tem atitude **intencional**. A formiga cortadeira traz em seus genes a habilidade para cortar; a abelha rainha já nasce rainha. Some a isso o fato de o trabalho dessas espécies estar regido pelo instinto da sobrevivência, enquanto o Homem possui objetivos e intenções; temos visão de processo e capacidade de relacionar eventos de ordens diferentes. Sobretudo, o ser humano tem **capacidade de escolhas**.

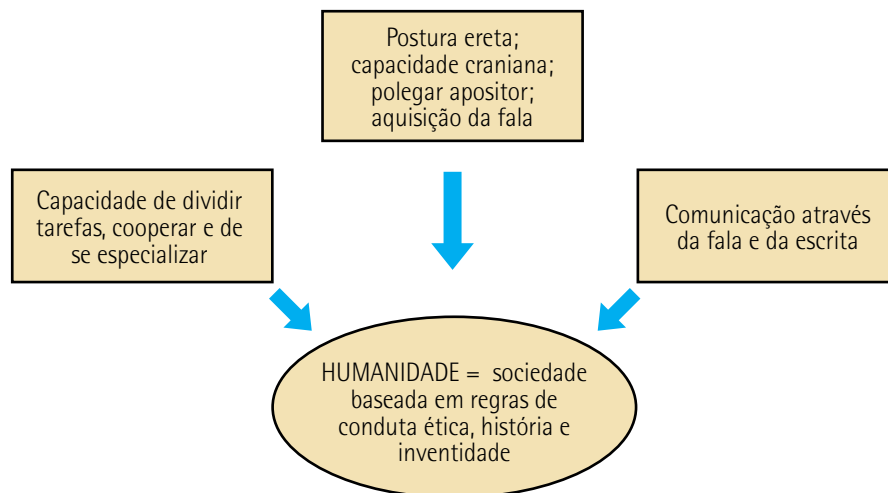
Mais alimentos disponíveis, mais segurança com as casas fabricadas, maior permanência do grupo, isso tudo levou a uma maior reprodução da espécie. Tais condições permitiram aos nossos ancestrais uma organização social mais complexa baseada na **sociedade**, e não mais em bandos. A comunicação também sofre uma revolução que foi o surgimento da **escrita**.

A partir da escrita e do surgimento das grandes civilizações da Antiguidade, como Egito, Grécia e China, conhecemos exatamente como a humanidade se desenvolveu. Os registros escritos permitem um conhecimento detalhado da vida nessas sociedades.

Para chegar até as grandes civilizações, nossos ancestrais percorreram um longo caminho. Ele é o resultado de um processo muito longo no tempo, e para os quais foram determinantes: a postura ereta, a capacidade craniana, o polegar opositor e a aquisição da fala.

Nesse esquema abaixo, perceba como habilidades que são de ordens distintas colaboram para formar o complexo fenômeno que denominamos **humanidade**.

Quadro 2



Humanidade é uma soma de características que unem habilidades físicas, comportamento coletivo, valores e ética de mundo, e, enfim, a história de uma espécie.

Cada uma dessas características depende da existência das outras. São inseparáveis.

Entretanto, nenhuma dessas características nos valeria muita coisa se não tivéssemos desenvolvido um tipo de comportamento baseado em regras de convivência social, divisão de grupos em parentesco, divisão do trabalho e uma mente dotada de raciocínio lógico e abstrato ligado à criatividade e à imaginação. Foram nossas capacidades de **organização** e **comunicação** que definiram tal resultado, afastando nossa espécie do comportamento instintivo e determinando essa longa e rica viagem chamada **humanidade**.



Saiba mais

Caso você queira pesquisar um pouco mais sobre os estudos de pré-história, procure páginas de universidades no Brasil e Portugal (o idioma amplia nossa possibilidade não é?).

Uma dica interessante é o jornal "Ciência Hoje". Trata-se de um jornal de ciência, tecnologia e empreendedorismo, que divulga páginas dedicadas à arqueologia e antropologia. Veja por exemplo, o noticiário disponível no endereço: <<http://www.cienciahoje.pt/58>>.

2.3 A cultura do homem – uma espécie que troca e se organiza

Um antropólogo francês muito famoso, Claude Lévi-Strauss, defende que a proibição do incesto (relações sexuais entre indivíduos com parentesco próximo) foi a primeira "atitude cultural" do ser humano, e que permitiu uma mudança fundamental no comportamento do animal humano: as trocas.

Que tipo de trocas?

Quando nós vamos às compras, trocamos dinheiro (valor) por mercadorias. Essa é uma das muitas formas de troca que nos permite afirmar que o mundo do mercado é o mundo das trocas. Mas o mundo do mercado e dos negócios só passou a existir a partir do momento em que o ser humano, em sua evolução, começou a praticar esse tipo de atitude como algo rotineiro. Então, é necessário que tenha havido um tipo de troca original, que fundou na sociedade essa atividade como algo aceito por todos, como uma convenção. Foi necessário fundar a **lógica das trocas**.

Vamos refletir sobre outras formas de troca para chegar à origem delas. Quando presentearmos alguém, estamos fazendo uma "troca simbólica": damos algo e recebemos amizade, consideração, carinho. Muitas vezes, ao dar estamos sinalizando que esses sentimentos são mútuos. As trocas simbólicas estão muito presentes em nosso dia a dia. Além dos presentes, podemos nos lembrar dos cumprimentos que trocamos, das orações seguidas de pedidos, dos grandes e pequenos favores, entre tantas outras.

Pois bem, as trocas foram determinantes na evolução de nossa espécie. Pense que antes de vivermos em sociedade, éramos nada mais do que um "bando" de humanos. **O bando tem como característica o fato de ser uma coletividade, um ajuntamento sem grande organização e carente de laços que o torne definitivo.**

Quando um "bando" de humanos dependia apenas de seu próprio sucesso na coleta ou caça, as coisas podiam se complicar em longo prazo. Muitos bandos humanos devem ter se extinguido por dificuldades de sobrevivência, e em casos de diminuição demográfica intensa, por dificuldades também

de reprodução. Nesse período dos bandos, não existia mercado, e muito menos troca, o que dificultava imensamente a sobrevivência, pois cada bando deveria assegurar apenas com seus recursos o abrigo e os alimentos para todos.

Nossos ancestrais tiveram nesse ponto um momento crítico em sua evolução. De nada adiantaria a postura ereta e as habilidades para fabricar instrumentos, se não houvesse também a evolução de seu comportamento para uma nova forma de organização coletiva. Começa a surgir o comportamento orientado pela cultura, ocupando o lugar dos instintos.

A seguir vamos relacionar todo esse processo de reciprocidade, troca e parentesco com a ideia inicial de Lévi-Strauss sobre o incesto ter sido, simbolicamente, a "primeira" regra cultural da humanidade.

A proibição do incesto indica que em determinado momento da nossa evolução começou a existir a noção de **família e parentesco**. Os outros mamíferos não possuem essa noção e, eventualmente, pode haver cruzamentos entre irmãos ou entre pais e filhos.

Ao proibir o incesto, os bandos eram obrigados a abrir mão de suas fêmeas, pois muitas eram irmãs ou filhas com quem já não era mais permitida e tolerada a relação sexual. Assim, eram obrigados a "trocar mulheres" com outros bandos. Sim, segundo a Antropologia, as mulheres foram as primeiras "coisas" trocadas pela humanidade, muito antes de qualquer mercadoria. Questão de sobrevivência, pois sem sua presença não haveria descendentes.

As mulheres passaram, então, por uma grande mudança histórica em seu papel para o grupo humano, pois serem trocadas implicava que os homens criariam laços de parentesco com o outro bando. Elas passam a ser o que há de maior valor para a sociedade.⁵

"Se a minha irmã está casada com o guerreiro do bando vizinho, seus filhos serão meus sobrinhos, e teremos uma convivência pacífica e solidária garantida por muito tempo; eu não os atacarei, eles não me atacarão". Assim, espalhando parentes por aí, as mulheres garantiram trocas que não se limitavam a elas.

Trocando mulheres e formando grupos de parentesco, os bandos foram se transformando em sociedade, organizando melhor a produção e a distribuição de alimentos e recursos.

É a regra da **reciprocidade**, característica de nosso comportamento, que orienta nossa conduta para recompensar quem nos dá ou presenteia com alguma coisa. Portanto, a ideia de troca traz consigo a ideia de reciprocidade, ou seja, devolver, de alguma forma, o que foi recebido.

⁵ A proibição do incesto como fenômeno humano tem muita importância, pois representa que nossa espécie abandonou o impulso sexual instintivo. Vamos lembrar que os instintos básicos de sobrevivência de qualquer espécie são: alimentação, abrigo e reprodução. O fato de o ser humano estabelecer uma noção moral sobre os instintos indica a relevância de compreender cientificamente suas origens e seu impacto em nosso comportamento.



Observação

Recíproco (adj.) – que se faz ou que se dá em recompensa ou em troca de algo similar; mútuo (HOUAISS, 2001).

Em qualquer situação na qual um indivíduo recebe algo de alguém, o mesmo se vê na obrigação de retribuir. Essa é a verdadeira lógica da troca, e é o que chamamos **reciprocidade**. Os presentes dados em aniversários e casamentos são retribuídos imediatamente com festas que envolvem a comensalidade (camaradagem à mesa). Aos poucos são retribuídos com presentes dados por quem antes recebeu, além, é claro, de servirem para reforçar os laços de amizade e solidariedade. Amizade e solidariedade pressupõem troca.



Observação

A noção sobre os **valores** das coisas trocadas é muito contextual e pode variar imensamente. A forma como aqueles que trocam se sentem recompensados, muitas vezes, não faz sentido para quem não está envolvido na situação. **A noção de valor não é um dado objetivo:** é cultural, histórica, subjetiva e contextual.

A troca de mulheres proporcionou uma mudança histórica para a Humanidade. Os laços de reciprocidade entre pessoas antes estranhas, que através do casamento se tornam solidários por toda a sua vida. Isso é o parentesco – um grupo social solidário que garante aos seus membros não quebrar o "contrato" de reciprocidade por qualquer desavença ou desacordo, como é possível entre parceiros/sócios, amigos ou estranhos. A família – mesmo em tempos de mudança como agora – ainda é um grupo de apoio mútuo e com forte solidariedade, que garante aos seus membros uma duração e permanência muito maior do que laços eventuais com não parentes. Podemos abandonar um sócio ou amigo, mas é muito mais raro e difícil abandonar um filho.

Bem, se quisermos fazer um exercício e perceber como até hoje o funcionamento do mercado utiliza e se beneficia de nossas aptidões para a reciprocidade, vamos pensar sobre os programas de "fidelização" incorporados por muitas empresas modernas. São promoções em que a empresa "presenteia" o cliente com algum benefício extraordinário, e em troca o cliente se torna fiel por mais tempo à marca ou ao produto. Os resultados são bastante interessantes do ponto de vista dos empresários, tanto que esse tipo de ação tem se tornado cada vez mais recorrente.



Lembrete

Evoluir não significa que certos traços de comportamento humano "sumiram". A maior parte de nossa lógica humana tem um fundamento,

que é muito antigo e vai apenas mudando de aparência ou se tornando mais sofisticada.

Dinheiro, mercado e capitalismo dependem de fundamentos da lógica humana, que são muito mais antigos que este fenômeno moderno.

Vamos retomar os aspectos mais importantes vistos neste tema. Compreender o processo da origem e evolução de nossa espécie possibilita o entendimento de que todos nós somos resultado de um meio social. De um indivíduo para outro encontramos pequenas diferenças biológicas, muitas delas dadas pela herança genética que recebemos ao nascer, mas isso não é **determinante** de nosso comportamento. Muito mais que genes, o meio social vai influenciar profundamente cada um de nós durante toda a vida.

O ser humano depende do modelo encontrado no meio social como um reforço e uma rotinização de comportamentos. Seguimos regras de comportamento coletivo, e, ao fazê-lo, construímos a **sociedade**.

Nossas capacidades de organização em grupos, divisão de tarefas, especialização em diferentes áreas de atuação, planejamento e visão estratégica, flexibilidade de comportamento e adaptação a mudanças, nossa tendência à reciprocidade nas trocas, foram determinantes na evolução de símios para seres humanos.



Lembrete

- Para haver sociedade humana precisa haver parentesco e regras.
- Para haver parentesco precisa haver compromisso e responsabilidade baseados em **reciprocidade e troca** (uns dão cuidados e recebem carinho).
- Para haver mercado, emprego e produção de riqueza, é necessário reconhecer regras, reconhecer a importância das trocas e contar com a reciprocidade.
- Nada surge por acaso em nossa cultura.

Quando realizamos essas capacidades, mais que colocar em prática "dons naturais", estamos utilizando recursos evolutivos que determinaram a diferença entre o homem e todas as outras espécies vivas. E, ao fazer isto, nossa espécie interfere nos futuros passos dessa evolução.

A organização social e a participação individual ativa e consciente definem que tipo de sociedade se constrói dia após dia como modelo de referência para o conjunto de indivíduos do grupo.



Lembrete

As trocas podem finalizar em:

- 1 – **reciprocidade equivalente (ou simétrica, ou igual)** – quando o que é trocado entre as pessoas possui igual valor;
- 2 – **reciprocidade não equivalente (ou assimétrica, ou desigual)** – quando uma das partes não recebe o equivalente à sua dádiva, ao que foi dado.

Concluindo, vivemos em sociedade porque somos capazes de nos organizar e seguir regras. Nossa organização e a obediência às regras são um recurso evolutivo que nos capacitou na luta pela sobrevivência.

Para realizar a sociedade dependemos uns do trabalho especializado dos outros, cujos produtos precisam ser trocados constantemente. A lógica das trocas não é meramente a lógica do lucro, muitas vezes trocamos coisas simbolicamente para poder manter laços de solidariedade e dar significado à nossa sociedade, pois não somos peças em um mecanismo, somos humanos com necessidades afetivas tanto quanto racionais.

Assim, a organização da sociedade humana é baseada em princípios bastante diferentes das sociedades animais. As abelhas e formigas, também seres trabalhadores e organizados, seguem simplesmente o instinto de sobrevivência. Uma formiga cortadeira jamais almejará ser a rainha, e mesmo que tivesse desejo, seu aparelho biológico não permitiria. Os animais nascem determinados a certas tarefas, e se adaptam ou não às condições de seu ambiente de acordo com seu instinto.

No caso humano, a sociedade pressupõe não apenas organização para realizar tarefas, mas também as **necessidades subjetivas** como realizar tarefas de acordo com a oportunidade de desenvolver habilidades; os desejos e sonhos de crescimento pessoal; os objetivos que associam os lucros materiais com a realização pessoal, e, acima de tudo, o sentimento de pertencer em algum momento a um grupo de apoio, aceitação, defesa e que nos faz sentir um indivíduo único e insubstituível.



Lembrete

- A cultura é um conjunto complexo que organiza e dá sentido à vida social.
- Mas mesmo pertencendo a um grupo, nossa individualidade tem seu espaço.

- Em cada esfera da vida social – família, trabalho, lazer, religião – podemos manifestar nossas características pessoais e nos realizar individualmente.

Por isso, dividimo-nos em diferentes esferas de participação social, tais como o mundo do trabalho, do lazer, das amizades, da família e assim por diante. Em cada um deles realizamos diferentes tarefas, e nos mantemos como membro participante por meio das trocas.



Observação

A seguir você pode ler um trecho de um antropólogo brasileiro comentando sobre a diferença entre as sociedades animais e a humana, destacando a importância das tradições culturais.

*"...entre as formigas (e outros animais sociais) existe sociedade, mas não existe cultura. Ou seja, existe uma totalidade ordenada de indivíduos que atuam como coletividade. Existe também uma divisão de trabalho, de sexos e idades. Pode haver uma direção coletiva e uma orientação especial em caso de acidentes e perigos – tudo isso que sabemos ser essencial nas definições de sociedade. Mas não há cultura porque não existe uma *tradição viva*, conscientemente elaborada, que passe de geração para geração, que permita individualizar ou tornar singular e única uma dada comunidade relativamente às outras (constituídas de pessoas da mesma espécie).*

Sem uma tradição, uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida (DaMATTa, 2000).

Vamos compreender como a "lógica das trocas" está presente nas culturas humanas?

No trabalho trocamos tarefas realizadas por salário, e temos oportunidade de realizar certos aspectos psíquicos como empenho, desafios e reconhecimento.

No mundo do lazer trocamos experiências que podem ser práticas ou de sociabilidade⁶ para recebermos o tempo livre como forma de descanso e complemento das relações sociais.

⁶ **Sociabilidade** – característica do que é sociável; prazer em levar vida em comum, inclinação a viver em companhia dos outros; domínio e exercício das regras de boa convivência; civilidade; afabilidade; urbanidade. Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Já no complexo mundo da família, considerada a célula fundamental da sociedade, tudo que há na vida coletiva se realiza de forma intrincada: investimos uns nos outros – tempo, recursos materiais, educação, carinho e dedicação para garantirmos laços indissolúveis que nos realizam como indivíduos. O que há de intrincado na família é que esses investimentos mútuos normalmente são desiguais, pois a noção de valor tende a ser mais afetiva.

Os princípios humanos que nos fazem estabelecer trocas e relações de reciprocidade permitem a cada indivíduo estabelecer um maior equilíbrio entre as condutas individualistas e as altruístas⁷.

Se agíssemos o tempo todo apenas pensando de forma individualista, não realizaríamos uma grande parte de nossas necessidades materiais e emocionais.

Sem organização não há sociedade, e sem trocas não há humanidade.



Observação

Por que a antropologia afirma que a proibição do incesto é importante para entender a cultura humana?

O humano é a única espécie que tem como princípio em seu comportamento sexual/reprodutivo evitar contato com pessoas que são consideradas parente. É uma regra universal. Mas essa proibição não atinge todas as culturas da mesma forma, pela simples razão de que a atribuição de parentesco não é universal.

A consanguinidade biológica não é o único fator para afirmar quem é ou não parente entre si.

Leia ao trecho a seguir:

A proibição do incesto: passagem da natureza para a cultura

Dois dos mais influentes pensadores do século XX procuraram dar uma resposta à questão sobre a regra fundadora da cultura: Claude Lévi-Strauss e Sigmund Freud – ainda que fundadores de escolas de pensamento tão distintas, como a antropologia estruturalista e a psicanálise, e partindo de pressupostos teóricos diversos – reconheceram na proibição das relações sexuais incestuosas a regra que é o princípio de uma ordem que leva o

⁷ Altruísmo – segundo o pensamento de Comte (1798-1857), tendência ou inclinação de natureza instintiva que incita o ser humano à preocupação com o outro. Ação antagônica dos instintos naturais do egoísmo, Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ser humano a superar suas condições naturais de existência, resultando no surgimento da cultura como condição da espécie (PASSADOR, 2005).

Síntese

Somos resultado de uma longa evolução que modelou nossas características biológicas e nosso comportamento em grupo. Somos seres naturalmente gregários, precisamos conviver em grupo para sobreviver. A cultura representou uma conquista evolutiva importante em nossa espécie, e é por meio dela que podemos realizar plenamente nossas potencialidades humanas que envolvem as trocas sociais, a organização coletiva e o comportamento baseado em regras e não no instinto.

A organização social do trabalho e os princípios que orientam nossa conduta para uma parcela maior de coletivismo e menor de individualismo são importantes traços das culturas humanas.

Você já deve ter ouvido falar em diferentes formas de organização coletiva do ser humano. Termos como "bando", "tribo", "grupo", "comunidade". Alguns estudiosos conceituam esses termos para diferenciar coletividades humanas com menor ou maior rigor de regras de participação ou de envolvimento pessoal. Independente da teoria sociológica ou antropológica mais específica, é interessante que você saiba distinguir no seu dia a dia essas diferentes formas de agregação social. Há um interessante trecho abaixo o qual torna muito fácil identificar agrupamentos comuns do cotidiano. Leia:

Hordas – os corredores de supermercado, num sábado à tarde, são um bom exemplo de horda. Grupamento de pessoas que não têm vínculo entre si, não se relacionam, nem desempenham papéis interativos.

Bandos – aglomerados de pessoas que têm alguma interação e papéis complementares, há regras rígidas e não se permite alteração. O Congresso Nacional e os torcedores em um estádio de futebol são exemplos.

Grupos – certamente, sua equipe de trabalho é um exemplo perfeito de grupo. Uma união de pessoas, onde há troca de papéis e objetivos comuns, além de dinâmica flexível. Na atualidade, a palavra grupo tem sido substituída por equipe ou time ou *team*, entretanto, entendo que a definição é a mesma (FAILDE, 2007, p. 55).

E quanto às "comunidades virtuais" que estão tão fortemente presentes em nossa vida hoje? Existem as comunidades da internet, pessoas que se comunicam virtualmente, as redes sociais, e todo um universo de comunidades que não possuem um território, não compartilham o cotidiano real, não se relacionam face a face, mas possuem vínculos, não é mesmo?

Se você quer entender o termo, vai perceber que tem muita relação com a noção de reciprocidade, e abaixo há um trecho bem interessante. Se você quiser aprofundar a leitura, vá ao *link* indicado na referência.

Segundo Lévy (1999) e Palloff & Pratt (1999), uma comunidade virtual é formada a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos e valores de troca, estabelecidos num processo de cooperação. Elas não são baseadas em lugares e filiações institucionais, muito menos em "obrigações", sejam elas de que tipo forem. Um curso não é "concluído" por um aluno, "porque sim". Para que este o conclua é necessário que tenha algum envolvimento, motivação etc. E esta motivação deve ser bem mais consistente do que uma ordem de um superior. Lévy (1999), afirma que nas comunidades virtuais de aprendizagem, as relações on-line estão muito longe de serem frias. Elas não excluem as emoções. Entre os participantes de comunidades virtuais também se desenvolve um forte conceito de "moral social". Uma espécie de código de conduta, um conjunto de leis não escritas, que governam suas relações, principalmente com relação à pertinência das informações que circulam na comunidade. Ou seja, não é necessário impor o que "pode" e o que "não pode" em uma comunidade. Ela mesma se autorregula, se organiza. Se não for assim, não é uma comunidade...

A "moral" de uma comunidade virtual é a da reciprocidade, ou seja, se aprendemos algo lendo as trocas de mensagens, é preciso também expressar o conhecimento que temos quando uma situação problema ou questionamento for formulado. A responsabilidade de cada um envolvido no processo, a opinião pública e seu julgamento aparecem naturalmente (e bem claramente!) no ciberespaço, pois, durante os processos de interação, os participantes ativos constroem e expressam competências, que são reconhecidas e valorizadas de imediato pela própria comunidade. Líderes surgem naturalmente. Papéis são assumidos claramente. Há o 'implicante', o 'contestador', o 'meigo', e esse papéis, **todos**, fazem parte e constituem a comunidade (SAMPAIO-RALHA, 2006).

Na cultura humana, todos os elementos se relacionam formando um sistema. Por isso, as noções morais de responsabilidade e reciprocidade são reforçadas nas relações de parentesco e podem ser compreendidas como uma lógica que permite as trocas presentes também nas relações comerciais e produtivas.

Você percebe que os "elementos da cultura funcionam como sistema"? Se está um pouco complicado compreender essa ideia, vamos exercitar alguns exemplos? A antropologia afirma que a cultura é uma totalidade composta de elementos. É como se fosse um grande conjunto, certo? Pois bem, a primeira coisa a se compreender é que existe uma lógica entre as partes, que é o que chamamos de "elementos". Um elemento "afeta" os outros. O sistema precisa ter uma lógica, uma coerência. Então, os valores que sustentam a família, as relações recíprocas de afeto e responsabilidade, atuam também em nossa vida fora de casa. E vice-versa.

Para dar outros exemplos: nossas leis e normas de conduta social não podem ser totalmente contrárias aos nossos valores morais e tradições, não é mesmo? Assim, a lei não pode nos

obrigar a fazer coisas que não concordamos. Em uma sociedade poligâmica (que existe tradicionalmente a aceitação do casamento com mais de uma pessoa), seria incoerente a lei obrigar à monogamia, ou seja, a fidelidade conjugal. Já em uma sociedade de tradição monogâmica, a lei não pode obrigar as pessoas a terem mais de uma esposa, ou mais de um marido. Não é mesmo?

Tudo na cultura funciona assim. Tem que haver uma coerência, e os elementos não são totalmente autônomos e desconectados uns dos outros. Consegue perceber agora?



Saiba mais

Sugestão de leitura:

GUERRIERO, S. As origens do antropos. *In: Antropos e psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

Sugestão de *sites* para leituras complementares:

Tema – A evolução humana

WIKIPEDIA. *Evolução humana*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolu%C3%A7%C3%A3o_humana>. Acesso em: 19 abr. 2011.

VITÓRIA, P. *Evolução humana*. 18 slides. 2008. *In: SCRIBD INC. Scribd*. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6454529/Evolucao-Humana>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

Tema – A primeira brasileira (Luzia)

SOARES FILHO, N. *DNA do Homem de Lagoa Santa já foi extraído dos ossos*. LAGOA SANTA. *Lagoa Santa na internet*. Disponível em: <<http://www.lagoasanta.com.br/homem/index.htm>>

TEICH, D. H. *A primeira brasileira. Veja*. 1999. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/250899/p_080.html>. Acesso em: 19 abr. 2011.

Tema – A história do Paleolítico ao Neolítico

GUIA, L. *Do Paleolítico ao Neolítico*. *In: NOTA POSITIVA. Nota positiva*. Disponível em: <http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/historia/dopaleoaoneol.htm>. Acesso em: 19 abr. 2011.

3 O SENSO COMUM E A CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA EXPLICAM A CULTURA

Objetivos

A cultura determina hábitos e rotinas, conceitos e formas de encararmos o mundo. Cada povo desenvolve um conjunto diferente de formas de pensar o mundo e de agir, e o resultado é que para uma mesma situação temos tantas soluções e julgamentos de acordo com quantas culturas existirem.

E a cultura não muda apenas de um lado do mundo para o outro, Oriente e Ocidente. Ela muda de uma região para outra dentro de um mesmo país, e muda, até mesmo, de uma cidade para outra na mesma região.

De um lugar para outro, quando muda a cultura, muda também a forma como o ser humano interfere na natureza para utilizar seus recursos, mas mudam também os conceitos por meio dos quais pensamos sobre o mundo material e os sentimentos.

A palavra "cultura" é usada com diferentes significados, conforme o contexto. Podemos encontrá-la em nosso dia a dia, fazendo parte da forma como tratamos os outros e reagimos a certas situações. É possível lembrar algumas frases que ouvimos repetidamente no cotidiano, onde aparece a palavra "cultura". Refletir sobre seus significados rotineiros pode revelar os valores presentes em nossas relações sociais.

Mas não é só em nosso dia a dia que essa palavra pode ser encontrada. Cultura é o conceito central da ciência antropológica, em que há um significado que enfatiza outros aspectos bem diferentes desse cotidiano e possibilita um tipo de visão sobre o ser humano e suas relações bem diferente do uso comum.

Nosso objetivo, ao confrontar esses dois usos da palavra cultura, é ultrapassar as armadilhas e os limites provocados pelo preconceito que o senso comum pode nos conduzir. O preconceito presente no senso comum não proporciona oportunidades para que as pessoas resolvam problemas e situações sociais instaladas por choques culturais ou qualquer outro fenômeno. Ele nos faz, simplesmente, rejeitar os outros e impede a reflexão produtiva socialmente sobre essas situações. Apenas por meio do pensamento reflexivo e da aceitação de novos valores e verdades podemos superar a atitude preconceituosa e conduzir a soluções dinâmicas e originais. Para isso, confrontar nosso conhecimento comum com o científico pode ser valioso.

Introdução

Na maior parte do tempo o ser humano tende a agir em situações cotidianas de acordo com rotinas que aprendemos a repetir mecanicamente, sem questionar muito o porquê de cada uma delas. Quem nos ensina esses hábitos é o chamado senso comum. Ter reações que proporcionam soluções imediatas para situações cotidianas é uma das funções do senso comum. Saber avaliar prontamente uma atitude como correta ou errada, ou ainda, saber técnicas rotineiras de como cozinhar, como tomar banho, como arrumar uma casa fazem parte de seu repertório.

Chamado pelos pensadores e intelectuais de "filosofia do povo", e popularmente de "escola da vida", nem sempre o senso comum nos proporciona soluções eficientes no que se refere aos contatos sociais. É de responsabilidade do senso comum o conjunto de preconceitos e ideias equivocadas sobre questões complexas cuja polêmica exigiria reflexão, interação e ponderação.

Conhecendo o que o senso comum afirma sobre o conceito de cultura e confrontando com um oposto a ele, que é a ciência, temos a oportunidade de abrir espaço para essa reflexão.

É importante no mundo atual, que os indivíduos adquiram sempre maior capacidade crítica. Essa capacidade crítica deveria ser mais aplicada em nossas experiências cotidianas, e não apenas nos estudos e na formação profissional. Isso porque muitas vezes é nos contatos mais rotineiros que podemos definir resultados de processos, e é muitas vezes na capacidade crítica de perceber essas rotinas que podemos planejar, redirecionar e avaliar de forma mais eficiente e consistente. Por isso, ao discutir o conceito de cultura, devemos manter essa perspectiva de aprendizado, levando-o do cotidiano e estendendo até a literatura antropológica.

Principais conceitos

Cultura e socialização, senso comum, ciência, civilização, valores, simbolização, diversidade cultural.

3.1 A cultura explicada pelo senso comum

A palavra cultura é utilizada em nosso dia a dia com significados diferentes. Por causa desse uso definimos e julgamos pessoas e povos, situações vividas e criamos heróis admirados e respeitados. A essa capacidade das pessoas de aplicarem palavras e conceitos para explicar algo que viveram, sem recorrer a livros, instrução ou reflexão, chamamos **senso comum**. A seguir, discutiremos algumas utilizações do nosso senso comum e suas implicações.

Vamos ver em que situações diárias o conceito **cultura** surge, e o que ele vem a significar em cada um dos casos. Quando ouvimos alguém pronunciar a frase: "Fulano tem muita cultura", o que isso significa? A capacidade de ter acumulado conhecimentos por meio da chamada "cultura letrada" (livros e instrução) foi atribuída a uma pessoa. Assim, "ter cultura" significa ter estudado muito e dominar uma grande variedade de temas e áreas do conhecimento letrado. Segundo esse tipo de raciocínio, são poucas as pessoas que "têm muita cultura", enquanto a maioria delas se classificaria como tendo "pouca cultura" ou sendo "sem cultura". O que podemos perceber nesse uso do conceito de cultura é que ele serve para criar distinção entre pessoas "especiais" e o restante delas que, por muitas razões, não tiveram acesso ao mesmo tipo de instrução letrada.

Isso é criar uma hierarquia, na qual uma minoria está ocupando posições superiores e uma maioria está ocupando posições inferiores. Nesse caso, a cultura é algo que pode ser adquirida em maiores ou menores quantidades, e é isso que vai determinar o julgamento que se faz dos outros. Normalmente as pessoas utilizam essa ideia para julgar pessoas ou povos. "Que povo sem cultura!" é uma frase recorrente e que reproduz essa mesma ideia. Quando utilizam esse tipo de julgamento, as pessoas querem dizer,

na verdade: "Que povo sem a minha cultura!", assim, cada vez que não encontramos nos outros o que achamos certo, achamos por bem apontar que os **outros** são errados.

Essa definição de cultura, que pode ser encontrada no senso comum, recebeu muita influência da tradição francesa do século XVIII, quando o conceito de cultura passou a ser associado à "civilização" e às "letras". Para os pensadores franceses daquela época era correto pensar que algumas pessoas ou povos tinham "civilização" e, portanto, cultura. A ideia de cultura estava para eles associada aos hábitos de sua própria elite; e algumas pessoas ou povos não tinham civilização, pois careciam das influências de comportamento e pensamento da intelectualidade francesa e nesse caso, deveriam ser educados e submetidos à boa "educação / civilização". Tanto o senso comum de hoje quanto essa herança francesa veem a cultura como algo que deve ser adquirido, por meio, por exemplo, de boas condições financeiras. Você vai perceber em um conteúdo mais adiante, que essa noção do senso comum para definir o que é cultura, tem muita relação com o que hoje é classificado como "cultura erudita". Mas isso será mais bem explicado depois. Por enquanto é importante que você entenda que de acordo com o senso comum, a cultura **diferencia** as pessoas: as que a têm, daquelas que não a têm.

Uma segunda situação é quando nos referimos às culturas de outros povos, em frases como: "no costume deles é assim". Nesse caso, as pessoas comparam situações nas quais elas não agiriam da mesma forma, mas tentam justificar a atitude de outra(s) pessoa(s). Nesse segundo caso, a cultura é associada a costumes diferentes, com os quais as pessoas tentam um diálogo, seja para aprovar como para reprovar.

Como a Antropologia define o conceito de cultura?

3.2 O conceito antropológico de cultura

Antropologia é uma ciência dedicada ao estudo do Homem. O radical latino "*anthropos*" significa Homem, e "logia" significa estudo. Surgiu no século XIX, empenhada em aprofundar o conhecimento científico sobre as "sociedades primitivas" (como eram chamadas as tribos e os povos não europeus – os nativos das Américas, Austrália e África). Para explicar a grande diferença de comportamento entre esses povos e os povos europeus, a Antropologia acabou se concentrando no conceito de cultura.

Atualmente, essa ciência não estuda apenas as tribos ou pequenas comunidades distantes dos centros desenvolvidos, mas qualquer ambiente social. Isso ocorreu, pois ficou comprovado que a diversidade cultural não gira apenas em torno de "povos primitivos" e "povos civilizados", mas está em toda parte onde haja contato entre dois povos que cultivam costumes e valores diferentes.

Em nossa história, com o início da chamada "globalização", o contato entre pessoas e organizações com diferentes referenciais de mundo e diferentes culturas intensificou-se num ritmo frenético. Por isso, compreender o conceito científico de cultura é tão importante.

Anteriormente, apresentamos a primeira conceituação de cultura na Antropologia, feita por Edward Tylor, no final do século XIX. Retomando, vimos que esse autor definiu cultura como "um conjunto complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a lei, a moral, os costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade".

Após essa definição seguiram-se muitas outras, e hoje podemos encontrar centenas de formas diferentes para fazer referência ao mesmo conceito. Mas, por que a Antropologia não chega a uma definição única para esse fenômeno? Porque a cultura, como um fenômeno humano complexo, permite ao cientista abordar suas manifestações a partir de diferentes ângulos. Assim, os autores que dão maior importância aos atos práticos das culturas, como o trabalho e a tecnologia, definem cultura de um jeito. Já para os autores que apontam que o importante mesmo, nas culturas humanas, é revelar a capacidade de nossa espécie em interpretar e comunicar suas experiências por meio dos símbolos, a definição de cultura é outra.

Vamos, então, ver a definição de cultura feita por alguns dos principais autores, para compreender a complexidade do tema.

Franz Boas (1930) – "A cultura inclui todas as manifestações dos hábitos sociais de uma comunidade, as reações do indivíduo na medida em que são afetadas pelos costumes do grupo em que vive, e os produtos das atividades humanas na medida em que são determinados por tais costumes".

B. Malinowski (1931) – "Esta herança social é o conceito central da antropologia cultural (...). Normalmente é chamada de cultura na moderna antropologia e nas ciências sociais. (...) A cultura inclui os artefatos, bens, procedimentos técnicos, ideias, hábitos e valores herdados. Não se pode compreender verdadeiramente a organização social senão como uma parte da cultura".

W.H. Goodenough (1957) – "A cultura de uma sociedade consiste em tudo aquilo que se conhece ou acredita para influenciar de uma maneira aceitável os seus membros. A cultura não é um fenômeno material: não consiste em coisas, pessoas, condutas ou emoções, mas em uma organização de tudo isso. É a forma das coisas que as pessoas têm em sua mente, seus modelos de percebê-las, de relacioná-las ou de interpretá-las."

Clifford Geertz (1966) – "Se compreende melhor a cultura não como complexos de esquemas concretos de conduta – costumes, usos, tradições, conjuntos de hábitos – mas sim como planos, receitas, fórmulas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam de 'programas') e que governam a conduta".

Clifford Geertz (1973) – "Cultura é um sistema simbólico, característica fundamental e comum da humanidade de atribuir, de forma sistemática, racional e estruturada, significados e sentidos às coisas do mundo".

M. Harris (1981) – "A cultura se refere a um corpo de tradições sociais adquiridas que aparecem de forma rudimentar entre os mamíferos, especialmente entre os primatas. Quando os antropólogos falam de uma cultura humana, normalmente se referem ao estilo de vida total, socialmente adquirido, de um grupo de pessoas, que inclui os modos pautados e recorrentes de pensar, sentir e atuar".

Anthony Giddens (1989) – "Cultura se refere aos valores que compartilham os membros de um grupo, às normas que estabelecem e aos bens materiais que produzem. Os valores são ideais abstratos, enquanto que as normas são princípios definidos ou regras que as pessoas devem cumprir".

Nas diferentes colocações acima o que há em comum é a tentativa de abarcar todas as realizações humanas, representadas em dois níveis complementares que são as realizações materiais e as imateriais. Entre as realizações materiais podemos citar todo o universo de coisas fabricadas pelo ser humano, de arados até ônibus espaciais. Entre as imateriais estão nossas crenças, conhecimento, arte, ideias e todos os sentimentos.

Os autores que enfatizam os aspectos materiais argumentam que eles são importantes uma vez que somos a única espécie a transformar a natureza de forma sistemática, mesmo quando não haja necessidades que afetem a sobrevivência.

Outros autores, entretanto, entendem que as maiores realizações humanas estão contidas nos aspectos imateriais, uma vez que somos a única espécie dotada de capacidade de abstração (pensar em coisas que não estão presentes, criar, imaginar). Mas não usamos essas capacidades realizadoras de qualquer forma, e sim de acordo com regras, normas e hábitos estabelecidos coletivamente.

Podemos dividir todas as definições vistas em dois grandes grupos, conforme sua "concepção de homem".



Saiba mais

Se você quiser ler um pouco mais sobre as diferentes "escolas" que trabalham com o conceito de cultura, tente os links abaixo:

SILVA, V. G. da. Antropologia. In: USP – FFLCH. *Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas*. Disponível em: <www.fflch.usp.br/da/vagner/antropo.html>. Acesso em: 19 abr. 2011.

CARNEIRO, P. N. Uma antropologia da cultura I: a antropologia. 2009. In: WEBARTIGOS. *Webartigos.com*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/13428/1/Uma-Antropologia-da-Cultura-I-A-Antropologia/pagina1.html#ixzz1Jo18d654>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

O homem como produtor do mundo material

Aqueles que dão maior importância às nossas realizações materiais procuram ressaltar a nossa capacidade adaptativa, mostrando a cultura como sendo uma forma de solução da sobrevivência, em que grupo social, recursos e meio ambiente se combinam para determinar os hábitos de um povo. Para eles, as técnicas desenvolvidas para solucionar todos os tipos de empresa humana, que vão de uma simples pescaria às necessidades comunicativas, passando por todo tipo de engenhos que nos cercam é que definem propriamente a cultura. Aqui, podemos dizer que cultura equivale a soluções práticas para a existência humana.

O homem como produtor do mundo imaterial

Outros autores entendem que a solução prática para a vida humana é uma consequência de outras capacidades, que muito mais do que nos fazer capazes de fabricar instrumentos, nos faz diferentes de todas as outras espécies existentes. São as capacidades de criar, planejar, prever, avaliar, imaginar, atribuir significado e modificar a natureza não apenas por necessidade de sobrevivência, mas por necessidade de se sentir bem. A isso chamamos de capacidade de simbolização.

Não construímos o mesmo tipo de prédio para servir a qualquer uso, pois para cada fim encontramos uma arquitetura. Não é apenas pelos aspectos práticos que o fazemos, mas porque cada espaço deve carregar significados que orientem os indivíduos e os faça compreender como devem se comportar.

Os templos são diferentes dos teatros, as casas são diferentes dos escritórios (ou pelo menos deveriam ser). A funcionalidade de cada um desses espaços é tão importante quanto o que nos faz sentir por meio de suas formas e cores. As formas de nossa casa nos transmitem sensações de pensamentos diferentes de um escritório ou de um templo, por causa dos símbolos que criamos para cada um deles. Para os autores que defendem a preponderância desse aspecto, cultura equivale à nossa incansável capacidade intelectual de carregar o mundo de símbolos e seus significados.



Lembrete

Respostas às necessidades práticas, ou respostas às necessidades intelectivas, a cultura é sempre uma forma de estarmos no mundo. Ela nos orienta em cada situação da vida social, como um modelo que recebemos e sobre o qual passamos a vida operando pequenas modificações.

Vamos ver mais adiante, que algumas regras presentes nas culturas podem ser modificadas, suprimidas, desgastadas; enquanto outras são mais difíceis de negociar. "É assim, e pronto". Ou seja, há aspectos mais dinâmicos e outros mais permanentes em cada cultura.

Concluindo essa discussão, entre todas as definições de cultura que foram apresentadas, atualmente há uma ênfase maior em torno de nossa capacidade de simbolização. Temos necessidades tão importantes quanto a sobrevivência orgânica e a reprodução da espécie, que são necessidades psíquicas, intelectuais, espirituais, ou como você preferir chamá-las. Não somos apenas um "animal fabril", somos um "animal simbólico".

Leia o trecho em que Laraia cita um famoso antropólogo americano, Leslie White, para demonstrar a importância da capacidade de simbolizar para a espécie humana.

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de

símbolos. Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero *Homo* torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. A chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo (WHITE, L. apud LARAIA, 2006).

Vamos retomar a visão do senso comum a respeito de cultura. No uso cotidiano, cultura é um bem que pode ser adquirido, acumulado e, assim, distinguir as pessoas umas das outras. "Fulano tem muita cultura." Essa frase exemplifica a ideia do senso comum.⁸



Lembrete

Explicando melhor

Esse uso do senso comum que atribui mais ou menos culturas às pessoas e sociedades humanas não está "errado". É uma das formas como a palavra cultura é entendida e explicada pelas pessoas em geral. O importante é perceber que a ciência não utiliza esse conceito do mesmo jeito.

Na ciência esse pensamento é considerado equivocado. Se cultura é algo que define nossa espécie, não existe ser humano que tenha ou não cultura, como não existe ser humano que tenha mais cultura que os outros. A cultura é algo que se realiza na vida social, que define a qualidade que essa convivência vai adquirindo, em um processo que nunca cessa. Portanto, não existe um povo que tenha "mais cultura" ou uma "cultura mais avançada".



Saiba mais

Se você quiser ler um pouco mais sobre essas duas concepções bem diferentes do conceito de cultura, tente o *link* abaixo.

SCHILLING, V. Antropologia, ciência recente. In: TERRA. *Cultura e pensamento*. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/06/07/001.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

⁸ A noção do senso comum sobre a cultura tem uma origem, que pode ser apontada a partir do século XVIII, quando a palavra cultura passou a ser compreendida como sinônimo de "erudição", ou seja, uma pessoa que cultiva o estudo e o domínio da cultura letrada, que constitui os estudos de um conhecimento especializado.

Por que é incorreto afirmar que há culturas evoluídas e culturas atrasadas?

Para afirmar isso, teríamos que escolher entre todas as culturas humanas, uma única que fosse tomada como medida e parâmetro para julgarmos todas as outras. E, cientificamente, isso não é possível.

Afirmar que a cultura do povo norte-americano é a melhor, por exemplo, significa colocar um único povo no centro da história e afirmar que todos os outros deveriam seguir seu modelo, em todos os seus aspectos descritos acima como valores, ideias, soluções práticas etc.

Então, aqueles que mais se aproximam da cultura deles seriam "avançados", e aqueles que estivessem perdendo a corrida para se assemelhar seriam "atrasados". Isso é um pensamento equivocados, pois será que a cultura tomada em sua totalidade pode ser julgada "boa" ou "avançada"?

Em todas as culturas há aspectos que alguns podem considerar como "bons", mas outros podem julgar como "ruins". Não há uma cultura "perfeita", mesmo porque a perfeição é um conceito relativo. Correto?

Ao fazer julgamentos sobre uma cultura, o senso comum não esclarece quais foram os critérios morais ou da ordem da razão e que orientaram as conclusões.

Quando uma única cultura passa a ser modelo e referência para o comportamento de todas as outras, o que temos não é um consenso. Mas, sim, um problema. Julgar de forma preconceituosa uma cultura pode levar a atos de intolerância e conflitos que poderiam ser evitados e solucionados de outras formas.

Evolucionismo social ou darwinismo social

A ideia presente no senso comum e que faz com que as pessoas julguem culturas e indivíduos como portadores de mais ou de menos cultura é consequência de uma teoria científica do século XIX, que ficou conhecida como **evolucionismo social** ou, ainda, **darwinismo social**.

Essa teoria surge em função do impacto da teoria da evolução de Charles Darwin para explicar a transformação da vida em nosso planeta ao longo do tempo. Fundada em conceitos da biologia, essa teoria adquiriu tanta importância que passou a ser um paradigma, ou seja, influenciou todo o pensamento da época.

O antropólogo inglês Lewis Henry Morgan e o filósofo, também inglês, Herbert Spencer são alguns dos responsáveis pela incorporação das ideias darwinistas às ciências humanas.

Esses e outros autores começaram a utilizar a teoria da evolução como forma de explicar a diversidade cultural. Assim, da mesma forma como os seres vivos evoluem, também as sociedades passariam por estágios evolutivos.

Esses estágios iriam das sociedades mais primitivas para as mais civilizadas⁹, passando por alguns estágios intermediários. Essa "linha evolutiva" poderia revelar as sociedades com mais capacidade

⁹ Note que "civilização" era tomada como sinônimo de sociedade mais evoluída.

evolutiva, que corresponderia, naquele momento, às sociedades de países da Europa como a Inglaterra, França ou Alemanha. E também revelaria aquelas sem a mesma capacidade, e que corresponderiam aos povos mais primitivos como as tribos africanas, os povos indígenas das Américas e os aborígenes australianos.

Essa capacidade evolutiva seria consequência direta da condição biológica dessa população, que determinaria coisas como a capacidade intelectual e mesmo o caráter moral.

Considerado, hoje, um equívoco científico, o evolucionismo social deixou marcas no pensamento ocidental e podemos encontrá-las em frases do senso comum, e mesmo em parte da comunidade científica que reproduz ainda essas ideias.

O trecho a seguir, retirado do livro *O que é cultura*, de José Luiz dos Santos, nos esclarece a questão do evolucionismo social.

Tais esforços de classificação de culturas não implicavam apenas a justificação do domínio das sociedades capitalistas centrais, que naqueles esquemas globais apareciam no topo da humanidade, sobre o resto do mundo. Ideias racistas também se associaram àqueles esforços; muitas vezes os povos não europeus foram considerados inferiores, e isso era usado como justificativa para seu domínio e exploração. (...)

Estudos sistemáticos e detalhados de muitas culturas permitiram destruir os falsos argumentos dessas concepções preconceituosas. (...)

A ideia de uma linha de evolução única para as sociedades humanas é, pois, ingênua e esteve ligada ao preconceito e à discriminação racial (SANTOS, 1983).

Fica evidente que é uma teoria que privilegia a sociedade de quem a produziu, em detrimento das outras.

Muitas pessoas se perguntam quando essa questão é discutida, porque não é correto para a ciência reconhecer a imensa diferença de forma de vida entre um indivíduo que vive em um confortável bairro parisiense e outro que se encontra em uma tribo indígena isolada em meio à floresta amazônica?

Perceba que **reconhecer que as diferenças existem** não é o problema, mas pretender que a "civilização" e o "progresso", tais como foram construídos por um tipo de cultura, é sinal da maior capacidade evolutiva e nos traz o problema das "raças humanas".

Quando a diversidade cultural passa a ser explicada pelas características biológicas de seus indivíduos, entramos no perigoso terreno do racismo científico. Para superar esse momento em que a ciência passou a servir como recurso de justificativa do poder econômico de alguns povos sobre outros, as ciências humanas substituíram o conceito de raça pelo de cultura, ou mesmo o de etnia.

O darwinismo social predominou durante o século XIX e início do XX, sendo a raiz do racismo científico e dos estudos de evolução cultural. (...) Nesse contexto, raça surgiu como categoria científica para explicar as diversidades. A civilização ocidental, caucasiana, vitoriosa no processo de colonização e ungida pelos benefícios tecnológicos e econômicos gerados pela Revolução Industrial, passou a ver-se como o mais alto grau de evolução humana (...) (PASSADOR, 2003).

Abaixo você pode analisar imagens produzidas antes do século XX e que representam os povos nativos das Américas. Os colonizadores europeus, que tomaram posse de todo o continente, encontraram no evolucionismo social uma ótima justificativa para o domínio sobre esses povos, muitos dos quais foram exterminados.



Figura 6 – Índios Munduruku.



Figura 7 – Índios, por Albert Eckout, que foi um pintor holandês que veio ao Brasil durante o período da invasão holandesa em Pernambuco, em 1624. Seria bem interessante você pesquisar mais quadros produzidos por esse artista, pois é praticamente a única fonte do Brasil nesse Período.



Figura 8 – Crianças da etnia Yanomami, no Rio Orinoco, fronteira entre Brasil e Venezuela.



Figura 9 – Eanger Irving Couse, artista americano do final do século XIX, retrata um índio que segundo o título da tela, se chama "Pé de Alce".

A seguir, observe que obra suprema. Trata-se de uma tela que representa várias etnias nativas de todo o continente. É uma incrível representação da diversidade cultural e étnica dos povos nativos de nosso continente. Se você quiser ver a legenda na qual o nome de cada etnia é resgatado, vá até o *link*: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amerikanska_folk,_Nordisk_familjebok.jpg>



Figura 10 – *Amerikanska folk*, ou povo americano, publicada em 1876

Pois bem, a razão para analisar todas essas imagens acima é relacionar a teoria do evolucionismo social com o poder dos europeus. Hoje sabemos tratar-se de uma teoria eurocêntrica, que privilegia a condição cultural deles naquele momento, inferiorizando os povos dos outros continentes. Talvez não seja possível perceber isso na figura acima, mas os nativos eram todos retratados indistintamente como se fossem negros.

Isso nos leva à conclusão sobre o motivo da recusa em aceitar teorias evolucionistas: elas servem a propósitos de ideologias raciais. Infelizmente seu uso histórico levou a uma catástrofe humana, que foi o uso da ideia de superioridade genética de um povo pela ideologia nazista no período do poder de Hitler na Alemanha.

Ao defender que os europeus eram superiores, pois dominavam a **ciência** e a **indústria**, e nenhum outro povo no mundo havia atingido esse patamar, acabaram abrindo brechas para interpretações de todo tipo. Até chegarmos ao nazismo.

A reação dos cientistas a esse momento surge no início do século XX com o pensamento relativista, que veremos mais adiante.

Por enquanto é importante compreender que o trabalho de investigação dos antropólogos representou uma contribuição imensa para superar o racismo científico. Quando cientistas europeus e norte-americanos passaram a conviver entre as tribos e povos em questão, passaram a formular um pensamento que rejeita qualquer tipo de teoria evolucionista para explicar a sociedade.

Em pleno século XX foi possível perceber os equívocos das teorias evolucionistas, reforçadas pelas teses deterministas, como, principalmente, o determinismo biológico.

O conceito de cultura é complexo e polissêmico. Em uma perspectiva antropológica, cultura pode ser definida como a rede de significados que dá sentido ao contexto que envolve os sujeitos como membros de uma sociedade. Essa rede é composta de diversos conteúdos sociais simbólicos, como os costumes, as crenças, os valores, os mitos e os ritos sociais (TOSTA, *Breve ensaio sobre civilização e cultura*).

O fato de existir uma cultura diferente em cada lugar não é algo que tenha que ser solucionado, **isso é próprio de nossa espécie**. A cada experiência social deve corresponder um conjunto de valores e práticas únicos. Nenhum povo pode repetir a história dos outros como se fosse uma receita. O mundo do trabalho no Brasil é diferente do argentino, do americano ou do europeu, e todos são diferentes entre si. O que promove essa diferença é a cultura.

Vamos fazer uma metáfora usando a informática para auxiliar no aprofundamento dessa questão. A mente humana corresponde a um "disco rígido" (*hardware*), que apesar de capaz de muitas tarefas, não consegue realizar nada sem um programa (*software*). Esse programa é a cultura. Cada sociedade desenvolve um tipo diferente de programa para disponibilizar aos seus indivíduos, que aprendem como operá-lo por meio dos processos que denominamos anteriormente de **socialização e endoculturação**¹⁰.

É por isso que em cada cultura os indivíduos reagem mais ou menos da mesma forma em relação a uma situação. Faz parte da cultura brasileira torcer para os times e pela seleção de futebol. Já nos Estados Unidos, esse esporte não mobiliza o interesse da população, que se interessa muito mais por um esporte quase ausente no Brasil que é o beisebol. Interesse é uma das formas de expressão do que chamamos de **valores**. Cada cultura valoriza o interesse de seus indivíduos por certos tipos de esportes, alimentos, vestimentas, crenças etc. Não é possível nos dedicarmos a tudo ao mesmo tempo.

Cada povo possui uma cultura. Cada cultura possui um conjunto diferente de valores. Isso é o que chamamos de **diversidade cultural**.

Você pode estar se perguntando se é correto afirmar que alguns animais têm cultura.

Sim, atualmente muitas ciências demonstram em suas observações do comportamento animal alguns traços de hábitos coletivos, mas em nada se equivalem à **complexidade das culturas humanas**.

Leia o trecho abaixo:

De nada adianta o corpo de *Homo sapiens* somente. É necessária a cultura para nos completar. Somos seres em aberto. As determinações instintuais acabam sobrepujadas pelas marcas da cultura, das escolhas que os grupos

¹⁰ Esse conceito será aprofundado adiante, no item 6 "Cada povo uma cultura, cada cultura uma sentença: a diversidade cultural". Para fazer sentido agora, resumidamente, endoculturação ou enculturação é um conceito utilizado para designar os processos sociais que transformam o aprendizado sobre o comportamento social em algo que é assimilado pelos indivíduos como parte de sua personalidade ao atingir a idade adulta. A maioria dos autores usa como sinônimo de socialização.

humanos realizaram ao longo de sua história. Se o código genético não define o nosso comportamento, é necessária a cultura para nos orientar e dizer como devemos nos comportar. Através de escolhas proporcionadas pelo livre arbítrio, cada grupo humano foi tecendo um conjunto de códigos e normas de conduta que compõe a cultura. Desta maneira, os grupos foram se diferenciando, estabelecendo marcas distintivas, construindo identidades e modos diferenciados de se relacionar. Seja o relacionamento com a natureza, através de técnicas e ferramentas específicas, seja entre seus integrantes, por meio de linguagens distintas, ou ainda com o mundo do imaginário, através de mitologias próprias (...).

A capacidade de simbolização e criação cultural permitiu-nos constituir uma extraordinária característica: pensar no que não está presente, diante de nossos olhos. Essa capacidade de abstração e transcendência possibilitou superar as limitações impostas pela natureza (GUERRIERO, 2003).

Concluindo, o conceito de cultura é utilizado em dois registros bem diferentes: o do senso comum e o da ciência antropológica. No primeiro caso, podemos notar que cultura é utilizada para distinguir numa sociedade aqueles que receberam uma educação mais refinada, e, portanto, podemos discriminar pessoas ao dizer que "não têm cultura". Para a antropologia, cultura é um conceito que define nossa imensa capacidade de criar diferentes soluções para a vida humana.

Criar soluções significa utilizar nosso potencial para transformar o mundo material e também o mundo das ideias, incluindo nossa comunicação, crenças, hábitos e valores.

Ao criar essas soluções, cada sociedade contribui para gerar a diversidade cultural.

É importante você saber que atualmente, em qualquer campo de atuação profissional, e em nossa vida de cidadãos, não é correto reproduzir um pensamento evolucionista para tratar de culturas. A explicação do evolucionismo social, que **todos** os povos devem trilhar a mesma história, já não é aceita cientificamente, e em nossas relações sociais gera preconceito, discriminação e injustiças.

Pois bem, vamos pensar um pouco por quê? É comum ouvir as pessoas dizerem coisas como "que povo atrasado", ou "que gente sem cultura", como explicação para o fato de que muitas vezes, o que está em questão é uma falta de compreensão sobre a cultura dos outros.

Desde o início do século XX, todos os antropólogos concordam que não há linearidade nos processos de transformação da cultura. O que há são **relações de poder**. Ou seja, uma cultura dominante em seu tempo, tende a influenciar e gerar padrões de comportamento para todos os outros, mas não porque ela seja necessariamente **melhor**, ela apenas é dominante.

Nas primeiras décadas do século XX o antropólogo alemão nascido em Mindem, Prússia, e radicado nos Estados Unidos, Franz Boas, crítico do evolucionismo social, teoria de caráter predominantemente eurocêntrico,

defensora de que as sociedades inicialmente encontram-se em um estado primitivo, ou inferior e processualmente tornam-se civilizadas nos padrões da cultura europeia, apresenta os princípios do relativismo cultural defendendo que cada cultura é um sistema articulado e integrado, produto de um desenvolvimento histórico único, dinamizado pelas constantes interações entre os indivíduos e a sociedade.

Para Boas não há culturas superiores ou inferiores, todas as culturas, independente do local geográfico em que se localizam, das técnicas e dos valores que as regem, constituem fenômenos distintos e originais. Esta formulação traz luz a discussão histórica a respeito da diversidade de modos de comportamento dos diferentes povos, bem como sobre os determinismos biológico e geográfico, ressignificando o olhar sobre as diferentes comunidades humanas que povoam o planeta, em uma perspectiva de reconhecimento de suas singularidades (TOSTA, *Breve ensaio sobre civilização e cultura*).



Saiba mais

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

ROCHA, E. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

4 A COMUNICAÇÃO HUMANA É SIMBÓLICA

Objetivos

Ao entrar em contato com esse fenômeno que se chama comunicação, sob o enfoque da antropologia, é possível ampliarmos nossas capacidades comunicativas e também a capacidade de compreensão do outro. Ao se comunicar, o ser humano utiliza símbolos que significam algo para ele. Quando esses significados não são os mesmos, podem surgir problemas no diálogo entre pessoas e sociedades diferentes.

Atribuir significado ao mundo é parte de um processo relacionado à cultura e nos auxilia nos processos de relacionamento humano.

Introdução

Sem a comunicação, nossa sociedade seria semelhante às sociedades de outros animais que vivem em coletividade, como abelhas, formigas e leões. A cultura humana tem características que diferenciam nossa forma de vida coletiva. Para expressar a cultura, dependemos da utilização dos símbolos. Língua,

conceitos, valores, ideias, crenças, tudo que faz parte da cultura humana é baseado em símbolos que, por meio de uma convenção social, são associados pelos indivíduos a um determinado significado, e isso faz com que seja possível a **interpretação** dos conteúdos comunicados.

Entretanto, de uma cultura para outra esses significados variam imensamente, o que torna necessária a compreensão do contexto cultural em que os símbolos são criados e utilizados para que nossa comunicação seja eficaz e consiga atingir seus objetivos.

4.1 O símbolo, o ato de simbolizar e a cultura

A cultura depende dos símbolos, a comunicação humana é baseada na simbolização. Mas o que é símbolo?

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (edição de 2001):

1 aquilo que, por um princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo **1.1** aquilo que, num contexto cultural, possui valor evocativo, mágico ou místico (...) **2** aquilo que, por pura convenção, representa ou substitui outra coisa.

Normalmente, pensamos que símbolos são aquelas placas com figuras indicativas como "proibido fumar"; ou ainda pensamos em imagens religiosas como cruzes e estrelas; pensamos também em sinais da matemática utilizados nas operações de divisão e multiplicação.

Mas o universo dos símbolos inclui todas as formas de comunicação humana e também nossa vida social. O símbolo é uma ferramenta humana para pensar e agir, e simbolizar nada mais é do que criar um símbolo para as convenções sociais.

O mundo à nossa volta é "traduzido" em pensamentos que precisam ser comunicados. Assim, a capacidade de simbolizar é inata à nossa espécie, todo ser humano cria e utiliza símbolos.

A linguagem, a escrita, a forma de associar datas a sentimentos e a eventos coletivos muda de uma cultura para outra. Claro que podemos fazer com que alguns símbolos sejam universais, por exemplo: a propagação da religião ou da ciência; por isso os símbolos da química e da matemática são os mesmos para todo mundo.

A maior parte de nossa comunicação social e de nossas convenções é desenvolvida localmente, e, muitas vezes, acreditamos que estamos "falando uma linguagem universal" com gestos e sinais, mas não é isso!

Vamos fazer um exercício: nós convencionamos que a palavra "flor" simboliza aquela coisa que encontramos na natureza e que é uma das partes do organismo de algumas plantas.

Apesar de existir um imenso número de flores, quando pensamos em uma flor para comunicar uma situação corriqueira envolvendo flores, não pensamos em flores de tipos muito específicos e em suas

qualidades. Quando pensamos em uma flor e queremos comunicar essa ideia básica, temos que recorrer a um som, uma palavra que, ao ser pronunciada, faça com que todos os presentes entendam em que o comunicador estava pensando.

Portanto, a palavra **flor** não é a "coisa real" que existe na natureza, mas um **som que representa essa realidade**. Esse é um primeiro passo para entendermos o processo de simbolização, e até agora foi possível entender que sem símbolos não conseguiríamos sequer compartilhar o que se passa em nossas mentes.

Mas observe que a palavra **flor** é um dos símbolos para a coisa em si, a própria flor. Para cada coisa existente, o ser humano cria muitos símbolos. Temos, por exemplo, a representação da flor por meio dos desenhos, que é também um símbolo. Assim:



Figura 11

Essa imagem fotográfica, apesar de parecer a própria flor, ou uma delas, não é a flor em si. É uma representação da "flor", pois já deixou de ser a própria flor, e é **simbolizada** em uma imagem que não é tridimensional, mas, sim, bidimensional, criando algo que a representa, mas que não é ela mesma. Ou seja, é um símbolo.



Figura 12



Figura 13

Essas imagens são desenhos, ou seja, representações artísticas da flor, e, portanto, também não são a flor em si, mas formas simbólicas para elas. A arte é, em sua essência, simbólica. O artista procura sempre "representar algo". Na pintura, na música, na dança, o artista procura através da forma obtida (a forma plástica, a sonoridade ou o movimento) criar um símbolo para algo visto, percebido, sentido ou experimentado antes.

Todas essas imagens são símbolos para a coisa "flor". Então, podemos compreender que as "coisas em si" são transportadas para a nossa mente, e podemos pensar nelas, mesmo quando não estamos em sua presença.

A maior parte de nossa comunicação diária tem como finalidade narrar, descrever, lembrar e conceituar coisas que não estão presentes. Ao fazer isso, retiramos todas as coisas de seus contextos originais, que não pode ser reproduzido em toda a sua riqueza e complexidade, e escolhemos alguns de seus aspectos a serem ressaltados.

Assim é que nós **simbolizamos** as experiências vividas, e por meio dessa comunicação simbólica podemos atribuir qualidades ao mundo. "Essa flor é alegre", "esse cheiro me lembra a infância", "as cores desta bandeira simbolizam a paz e a riqueza", "o crucifixo identifica os cristãos", são formas de simbolizar experiências e sensações.

Não está na "flor em si" ser alegre ou triste, mas o ser humano identifica certas qualidades. Não existe "cheiro de infância", mas aromas que são convencionalmente usados em bebês, ou, ainda, aromas de um lugar que marcaram a infância de determinada pessoa etc.

O correto é observarmos que na natureza não existem qualidades que são criadas pelo homem, como bondade/maldade, justiça/injustiça, beleza/feiura. Uma catástrofe da natureza, como um terremoto, não é ruim senão do ponto de vista dos prejuízos que possa causar aos seres humanos. Para a terra, onde ele se originou, não existe esse tipo de julgamento.

Bondade, justiça e beleza, bem como todos os conceitos de valor que dispomos são resultados da criação das culturas humanas, e não da natureza. Portanto, são valores, que se expressam por meio de símbolos. Um céu escuro e carregado de nuvens pode simbolizar preocupações e problemas, ou um terremoto pode ser utilizado para simbolizar alguém inquieto, agitado.

Abaixo você pode ler um trecho do livro *Cultura – um conceito antropológico*, e perceber a importância cultural da capacidade humana de simbolizar:

Com efeito, temos de concordar que é impossível para um animal compreender os significados que os objetos recebem de cada cultura. Como, por exemplo, a cor preta significa luto entre nós e entre os chineses é o branco que exprime esse sentimento. Mesmo um símio não saberia fazer a distinção entre um pedaço de pano, sacudido ao vento, e uma bandeira desfraldada. Isto porque, como afirmou o próprio White, "todos os símbolos devem ter uma forma física, pois do contrário não podem penetrar em nossa experiência, mas o seu significado não pode ser percebido pelos sentidos". Ou seja, para perceber o significado de um símbolo é necessário conhecer a cultura que o criou (LARAIA, 2006).

Ao utilizar um crucifixo, uma pessoa é identificada pelos outros como "cristão", pois a cruz simboliza um evento da figura fundadora dessa fé, que é Cristo. Essa é outra associação possível com os símbolos. Os símbolos representam coisas, ideias e pessoas que não estão presentes.

Cada profissão elege seu símbolo; os times utilizam brasões, cores e emblemas; placas de trânsito são símbolos; placas de "proibido fumar", "proibido cães" e outras regras de uso do espaço são símbolos. O símbolo facilita e agiliza a comunicação, transmite ideias complexas e sentimentos, e tudo isso é possível porque, como afirma Geertz, "a humanidade atribui, de forma sistemática, racional e estruturada, significados e sentidos às coisas do mundo". Portanto, tudo na comunicação é símbolo? Sim!

Os símbolos são frutos da persistência humana em olhar para o mundo e ver significados, em tornar rotineiras as soluções racionalmente pensadas¹¹, cheias de significados coletivamente construídos.

¹¹ Rotina é o mesmo que fazer algo sempre da mesma maneira, portanto, é um hábito. Os significados dos símbolos culturais dependem de uma **rotinização**, ou seja, precisam ser incorporados de maneira mecânica em nossas atitudes, de forma que não precisamos raciocinar o tempo todo para compreender as linguagens à nossa volta.



Lembrete

Para dominar coletivamente o significado dos símbolos, e compartilhar com as pessoas de nossa cultura, precisamos:

- 1 – atribuir significados de forma coletiva às coisas do mundo. Uma pessoa pode “inventar” um símbolo, mas, para que todos compreendam da mesma forma e queiram utilizá-lo, é necessário haver participação, ou seja, uma forma de “adoção” coletiva dos símbolos;
- 2 – repetir cotidianamente o uso dos símbolos e seus significados para que se tornem rotina/hábito, e sejam incorporados como parte da cultura.

A cada cultura corresponde um processo coletivo único de criar símbolos, portanto, a maioria dos símbolos cotidianos tem um significado apenas local. Mas alguns símbolos, por efeito da sistemática e da rotina de circulação em outros meios, conseguem ter significado para praticamente a humanidade toda. Assim, ocorreu com a logomarca da “Coca-Cola”, presente em todo o mundo como um ícone de prazer e do mercado, ou com o símbolo da juventude dos anos 1960 para “paz e amor”.

A atuação do mercado, que intensifica e aumenta a necessidade humana de fazer **trocas**, é a responsável atualmente por esse deslocamento dos símbolos de seu contexto original e pela incorporação de significados extralocais. Ou seja, os símbolos passam de uma cultura para outras, sem carregar necessariamente seus significados originais e atribuídos localmente.



Lembrete

Simbolização – ato ou efeito de simbolizar; processo que procura expressar o raciocínio por meio de um sistema simbólico.

(fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva)

A cultura caracteriza a espécie humana e nos dota de infinitas possibilidades. Somos indivíduos em aberto, modeláveis, com plasticidade, que aceitam mudanças e têm capacidade de refletir e escolher.

Necessitamos participar de uma coletividade, necessitamos de referências para saber como nos comportar e, sobretudo, precisamos organizar nossa coletividade de forma a permitir um comportamento mais voltado para o grupo e menos voltado para satisfações individuais.

Se cada um de nós agisse o tempo todo apenas de acordo com sua própria vontade, a sociedade entraria em colapso.

Isso é interessante, pois ao mesmo tempo em que somos criativos, plenos de possibilidades, somos também bons aplicadores de regras. Aliás, necessitamos delas, para que o mundo da coletividade se torne possível. Somos seres complexos, entre outras coisas, porque somos dotados de criatividade e, ao mesmo tempo, precisamos de regras, pois elas permitem nossa convivência, nossa interação.

Essa complexidade só é possível, pois o pensamento e a comunicação humanos são estruturados em um conjunto de **símbolos**. Vamos retomar uma das definições de cultura aplicada acima, de Clifford Geertz, que diz que: "Cultura é um sistema simbólico, característica fundamental e comum da humanidade de atribuir, de forma sistemática, racional e estruturada, significados e sentidos às coisas do mundo".

A comunicação humana é tão complexa que existem várias ciências dedicadas a estudar e a compreender esse universo. Para que você entenda que há muitas formas de comunicar e que dependem do uso dos símbolos, vamos lembrar que há basicamente duas formas de comunicação humana: a verbal e a não verbal.

Na comunicação verbal precisamos de palavras, da nossa língua, que traduz em sons e organiza, por meio da sintaxe, as regras de comunicação. Na comunicação não verbal há todo o universo de símbolos que não dependem das palavras, como os sons sem palavras, os gestos e as cores.¹²

Comunicação é o processo de troca de informações entre um emissor e um receptor. Um dos aspectos que podem interferir nesse processo é o código a ser utilizado, que deve ser entendível para ambos.

Para compreender melhor a divisão entre linguagem verbal e não verbal leia o texto abaixo.

Quando falamos com alguém ou lemos um livro ou uma revista, estamos utilizando a palavra como código. Esse tipo de linguagem é conhecido como linguagem verbal, sendo a palavra escrita ou falada, a forma pela qual nos comunicamos. Certamente, essa é a linguagem mais comum no nosso dia a dia. Quando alguém escreve um texto, por exemplo, está usando a linguagem verbal, ou seja, está transmitindo informações através das palavras.

A outra forma de comunicação, que não é feita nem por sinais verbais nem pela escrita, é a linguagem não verbal. Nesse caso, o código a ser utilizado é a simbologia. A linguagem não verbal também é constituída por gestos, tom

¹² A linguagem dos gestos e as expressões faciais também não são universais, podendo variar imensamente de uma cultura para outra. "Os gestos são compreendidos de diversas formas nas diferentes culturas. Só existe um gesto semelhante em qualquer lugar do mundo, o sorriso, muito embora essa semelhança não deva ser entendida como uma expressão invariável de prazer ou alegria, uma vez que seu significado difere de cultura para cultura e, ainda, conforme o contexto da situação, pode significar surpresa, prazer, desaprovação, ironia, superioridade, desprezo, agressividade, maldade etc." (SILVA, L. M. G. da *et al.* Comunicação não verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto.)

de voz, postura corporal etc. Se uma pessoa está dirigindo e vê que o sinal está vermelho, o que ela faz? Para. Isso é uma linguagem não verbal, pois ninguém falou nem estava escrito em algum lugar que ela deveria parar, mas como ela conhece a simbologia utilizada, apenas o sinal da luz vermelha já foi suficiente para que ela compreendesse a mensagem.

(Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/redacao/linguagem-verbal-e-nao-verbal.php>>. Acesso em: 25 out. 2010.)

Vamos exercitar um pouco nosso pensamento sobre a realidade para perceber como utilizamos os símbolos para quase tudo.

O uso da comunicação não verbal é uma rica fonte de simbolização, utilizamos, por exemplo, os recursos do corpo para expressar ideias. Leia o trecho abaixo para esclarecer melhor sobre esse assunto.

A comunicação é fundamental nas relações pessoais, empresariais e educacionais.

Pode ser feita de várias maneiras, entretanto, só existe realmente entendimento quando a mensagem é recebida com o mesmo sentido com o qual ela foi transmitida.

A comunicação não é somente a linguagem verbal, ela é feita em grande parte pela linguagem não verbal. O importante é que uma esteja em concordância com a outra, de forma que a comunicação seja um processo completo e coerente. Contudo, os seres humanos, em sua complexidade, muitas vezes transmitem sem perceber uma mensagem verbal diferente da mensagem corporal, o que poderá dificultar a compreensão da sua mensagem. O nosso corpo fala todo tempo, as expressões do rosto, os olhares, os gestos, as posturas, o tom e o ritmo da voz (SCHELLES, 2008).

O ser humano fabrica um instrumento qualquer, por exemplo: uma faca. Mesmo pensando apenas em seu aspecto utilitário, que deve ser a preocupação com o formato da lâmina e o fio para cortar, a maioria das facas que são fabricadas traz algo para além da utilidade; elas trazem também a preocupação ornamental/estética.

Por que precisamos que objetos utilitários como facas, louças e móveis tenham uma expressão estética?

Vamos exercitar refletindo sobre isso apenas da perspectiva cultural, pois a necessidade estética humana é de um assunto bastante amplo.

Pois bem, os objetos dos quais nos cercamos, como o vestuário e os adornos corporais possuem uma função social, que é demarcar identidades. Por isso, existe não apenas a diversificação do material que é utilizado na fabricação das coisas, mas também uma simbologia relacionada a essas coisas.

Então, objetos utilitários como as facas podem servir também para demarcar posições de *status* social ou de especialização de funções. Assim, existem as facas com cabos adornados com madrepérola, ou com pequenos encaixes de pedras preciosas e ouro. Nesse caso, não há uma utilidade no adorno do cabo, e sim uma função social simbólica. Quando vemos o objeto, mesmo longe de seu proprietário, sabemos se tratar de algo que pertence a alguém com posição social privilegiada.

A estética, a ornamentação das facas, como de qualquer objeto utilitário que está a nossa disposição, também simboliza e expressa as características da forma de organização de uma sociedade.



Lembrete

Nossa vida coletiva é simbolizada. Objetos, vestuário, construções e mesmo aromas se tornam símbolos de nossas relações sociais. A simbolização é uma das características básicas das culturas humanas.

Você pode ver abaixo a imagem de objetos que a princípio são meramente utilitários (moedas, espadas, roupas) mas que cada cultura enriquece com símbolos, e os transformam em um objeto que nos comunica algo sobre seu povo, seu tempo.



Figura 14 – Espadas Viking.



Figura 15 – Moeda romana, na imagem há um cônsul e seus lictores, que eram acompanhantes.



Figura 16 – Roupas Rajasthani, Índia.

Isso porque, nós "atribuímos significado às coisas do mundo", e percebemos que a quase totalidade do que vemos, ouvimos e sentimos adquirem significado. Assim, as facas trazem ornamentos como pedras ou formas adicionadas ao cabo, que as tornam atraentes ou únicas.

As cores têm significado: o branco pode simbolizar a paz, o preto pode simbolizar tristeza ou mistério, o vermelho a sensualidade ou o amor. Os sons têm significado: o badalar dos sinos em uma igreja podem simbolizar comemoração ou morte, o som da água em uma fonte pode simbolizar tranquilidade e, por isso, é utilizado terapeuticamente para acalmar.

Os alimentos precisam ter significado: não comemos qualquer alimento de qualquer jeito, eles precisam receber cores, formas de apresentação para se tornarem convidativos à degustação.

A culinária e as regras sociais relacionadas ao ato de comer são uma forma de simbolização. Uma receita de bolo recebe um tratamento quando este é servido em um lanche para a família, e outro completamente diferente quando é servido como comemoração festiva de aniversários ou casamentos.

Quando pensamos sobre qualquer coisa no mundo que nos cerca externamente, e também em nossa vida interior, damos significados a elas. Associamos coisas a sentimentos e ideias, e assim elas passam a significar algo.

Vamos pensar em exemplos? Os "amuletos" são em princípio simples objetos, mas em cada cultura atribuímos a eles uma "aura" que nos faz encará-los como objetos "de poder" para trazer proteção, sorte ou fortuna.

Quando associada a uma cultura, a simbolização pode ser percebida como um conjunto de sentimentos, valores e ideias que atribuem o mesmo significado a certas "coisas do mundo" e que valem para a média de indivíduos do grupo e que se repetem nas rotinas sociais. Em uma mesma cultura, existe a tendência a utilizar o mesmo "repertório simbólico", e esse repertório pode mudar em outras culturas.

O que é exatamente esse "repertório simbólico"?

É um conjunto de símbolos e os significados que atribuímos às coisas.

Exemplos:

Coração

Como muitas palavras e coisas das culturas, coração não é uma "coisa em si", mas um conjunto de ideias e valores, que chamamos aqui de **repertório**.

1. Coração como o órgão do corpo humano.
2. Coração como um sentimento de ternura.
3. Coração como o centro de alguma coisa.
4. Coração como um complexo de emoções que podem ser até contraditórias, como dor, amor, apego ou memória.

Perceba como uma única coisa (**coração**) forma um conjunto, um repertório de significados para nossas ideias?

Isso acontece do mesmo jeito com muitas outras coisas às quais associamos mais de um significado. Para fazer um exercício mental, podemos pensar em exemplos: doente, amargo, pedra, estrada etc.

Estar doente, ou "doente de paixão", "doente de vontade de comer algo".

Ser "uma derrota amarga", "amargo para o paladar", "amargo de doer".

Ter uma "pedra no sapato", ser uma "rocha" ou uma "pedreira", ter uma "pedra preciosa", ou apenas uma pedra.

Pegar uma estrada, caminhar na "estrada da vida".

Quando vistas da perspectiva da cultura, as coisas da vida se transformam em conjuntos, repertórios simbólicos que podem ter seu pleno sentido compreendido apenas se olharmos o todo funcionando.

Por isso, dizemos que a cultura é um "sistema simbólico", uma vez que os exemplos acima fazem parte de nossa cultura, ou seja, da sociedade brasileira. Portanto, esse repertório se modifica de uma cultura para a outra.

Vamos nos debruçar sobre exemplos que envolvem não apenas a linguagem e nossa forma de expressar as coisas, mas também valores sociais.

A começar pela noção de **liderança**.

O líder, na cultura japonesa, é alguém que não precisa, necessariamente, ter atributos de "simpatia" ou "iniciativa" para receber de seus liderados tratamento de confiança, admiração ou qualquer outra reação de reconhecimento. Para a tradição japonesa, o líder, apenas por ocupar certa posição na hierarquia profissional, é "naturalmente" encarado como aquele que deve ser respeitado, deve servir de modelo e referência a todos os seus subordinados. Isso se deve ao fato de que, na cultura japonesa, ao contrário da cultura ocidental, a hierarquia é tradicionalmente encarada como algo a ser respeitado em qualquer circunstância independentemente das características pessoais de quem ocupa as posições mais superiores. Nos países ocidentais, a hierarquia, e como consequência, a liderança são fenômenos que mobilizam sentimentos e reações bem diferentes da japonesa. Entre nós, o líder precisa "demonstrar" merecimento do lugar que ocupa, "conquistar" a confiança de seus liderados. Precisa ter atributos pessoais que tornem legítima sua posição. Para os japoneses isso não é necessário.

Portanto, os significados relacionados ao conceito de liderança, como muitas outras atribuições e qualidades sociais, mudam dependendo da cultura. O repertório simbólico, portanto, é o que nos orienta a compreender os sentidos da vida social em cada cultura.

Assim, vemos que a simbolização acompanha o ser humano. Mesmo em suas realizações materiais o ser humano pensa simbolicamente. Não nos abrigamos de qualquer forma, não nos alimentamos de qualquer forma, não fabricamos as coisas de qualquer forma.

Desenvolvemos cores, linhas, texturas e densidades para nos cercar de significado. Tomamos as coisas da natureza e passamos a organizá-las de tal forma que estas já não lembram a matéria-prima inicial. A madeira é transformada em mobiliário, as plantas em jardins, o barro em cerâmica.



Lembrete

Os símbolos estão presentes em todas as nossas experiências sociais. Precisamos deles para nos comunicar, para dar significado às nossas ações, para nos sentir parte de uma comunidade.

As vestimentas que usamos não são apenas utilitárias, servindo para nos proteger do frio ou do calor. Elas são carregadas de simbologias sociais. Por meio delas comunicamos nossa posição social, nossa identidade, nossos estilos de vida, nossa condição emocional. Para cada contexto social inventamos uma roupa adequada, e esperamos encontrar todos seguindo a regra. Quem iria fantasiado a uma festa se soubesse que ninguém mais seguiria essa indicação?

Os símbolos são socialmente inventados e mantidos. Não é possível saber quem foi o primeiro a praticá-los, como um movimento de dança, ou o uso de uma gíria, ou expressões faciais e gestos. O que importa é a necessidade do grupo em manter e reproduzir esse significado, e não saber quem o "inventou".

O símbolo é a mais antiga forma de expressar a cultura de um povo. A simbolização permite ao homem transmitir os seus conhecimentos adquiridos e acumulados no decorrer do tempo. Os símbolos conservam os valores básicos para que a cultura de uma sociedade seja perene.

Os símbolos são constituídos de várias coisas concretas ou abstratas e lhes são atribuídos valores ou significados específicos, dentro de um contexto cultural, por meio de atos, atitudes e sentimentos. A criação deles consiste, basicamente, na associação de significados daquilo que pode ser percebido pelos sentidos.

Sabemos que as culturas mudam continuamente, assimilam novos traços ou abandonam os antigos, por meio de diferentes formas. Toda sociedade está sujeita a essas modificações pelo próprio processo de desenvolvimento, pelos contatos com povos de culturas diferentes, pelas inovações científicas e tecnológicas, interferindo nas artes, no artesanato e em sua cultura como um todo (MEDEIROS, 1997).

Quando nos comunicamos, seja pela linguagem escrita, falada, filmada, ou pelas artes, o conteúdo do que é comunicado é sempre algo que precisa ser interpretado. Interpretar é dar sentido, entender, julgar.

A maior parte de nossa comunicação é composta de conteúdos que se tornaram **convenção social**. Serem membros da mesma cultura é uma garantia de que todos estejam interpretando de forma muito semelhante os conteúdos comunicados.

Claro que isso não garante eventuais desentendimentos, os chamados "erros de comunicação", ou "mal entendidos". Mas garante que não tenhamos que explicar minuciosamente o tempo todo nosso uso dos conteúdos comunicativos.



Lembrete

A língua, toda comunicação e os hábitos mantidos entre as pessoas de uma cultura, depende das **convenções sociais**.



Observação

Os símbolos podem "sair do lugar", podem ser transportados para um contexto social diferente do convencional?

Sim!

Como os símbolos cotidianos dependem desse consenso em torno da interpretação, é muito comum que quando usados em um contexto diferente do original, eles sejam interpretados de formas completamente diferentes da convenção da cultura que lhe deu origem.

Isso porque ao saírem de sua cultura original, podem ir parar em lugares onde não há essa convenção sobre como ele deve ser interpretado. Então, o que acontece é que as pessoas tendem a dar o sentido mais apropriado ao seu próprio contexto. O que os indivíduos fazem, nesse caso, é idêntico ao trabalho feito pelo tradutor, ou seja, as pessoas tentam adequar os símbolos de outras culturas à sua própria linguagem e vida social.

Ou seja, quando se "adota" símbolos de outras culturas, de outras convenções sociais, a tendência é que as pessoas façam um esforço para adaptar os significados possíveis desse símbolo à sua própria realidade.

Hoje em dia esse fenômeno é muito comum no mundo da moda e das tendências de comportamento.



Lembrete

A moda, o cinema, a publicidade e os meios eletrônicos de comunicação que disponibilizam uma quantidade cada vez maior de informação simbólica sobre muitas culturas, permitem uma "migração" de símbolos cada vez mais intensa.

Vamos pensar em um exemplo: o modismo que envolve atualmente as tatuagens faz com que seus adeptos se especializem em buscar inspiração para traçados e desenhos originais nas tribos e povos que utilizam a tatuagem há séculos.

Um desses povos é os Maoris, que habitam a Nova Zelândia, e são conhecidos pelo costume milenar de utilizar a tatuagem facial como uma forma de comunicar seu nome e sua linhagem ancestral. São traços geometricamente complexos desenhados no rosto das pessoas, e são chamados de *moko*. Muitos jovens norte-americanos têm aderido a esse costume, tatuando toda a área do rosto. A esse tipo de prática, um jovem chefe Maori chamado George Nuku trás seu ponto de vista em entrevista à *National Geographic*. Leia abaixo um trecho da reportagem.

Chefe Maori fala de tatuagens faciais e orgulho tribal

Ryan Mitchell

National Geographic News

14 de outubro de 2003

George Tamihana Nuku é um orador notável e entusiástico do orgulho reemergente entre muitas culturas indígenas ao redor do mundo. Sua

tatuagem facial elaborada, ou Moko, distintamente o identifica como membro de uma tribo Maori, um homem, isto é, cuja própria identidade está indissoluvelmente ligada a seus antepassados e suas tradições seculares (...).

– Como você responderia aos não nativos que estão usando alguns dos desenhos que são similares ao **moko**?

– Se você não vive aquilo que está em você, então isto é apenas um desenho. Não é um moko. Antes de mais nada, ele (o moko) vem da sua linhagem. Ele define quem são (ou eram) seus pais e avós desde o princípio dos tempos. Isso é só a primeira coisa

(MITCHEL, 2003, tradução nossa).

Vamos avaliar melhor essa situação. Do ponto de vista de um nativo maori, os significados de uma tradição são reduzidos a um desenho, pois deixaram de transmitir seus símbolos originais.

Já para os jovens modernos das grandes cidades que optam por reproduzir esse costume em outro contexto, fazer uma tatuagem tribal no rosto pode significar que ele não se sente alguém comum, parecido com a maioria de seu grupo, e ao expressar sua identidade procura se diferenciar da "massa". Ele, de alguma forma, procura se aproximar do primitivo, da tribo, mas com sua própria história. A história de um "primitivo moderno"¹³.

Como esse caso descrito acima, há muitos outros exemplos de como os símbolos são apropriados e "traduzidos" para uma linguagem local. Para aqueles que vivem na zona rural, alguns objetos como latões de leite, carroças e carrinhas, ou mesmo chapéus são coisas utilitárias, necessárias para o dia a dia. Mas na cidade existe o costume de utilizar essas mesmas coisas como objetos decorativos em algumas residências.

Durante muito tempo, o uso de marcas famosas através de seus "logos", como a da fabricante de motocicletas Harley Davidson ou como a fabricante de carros Ferrari, eram utilizadas apenas nos próprios produtos ou pela própria empresa em sua comunicação. Atualmente há uma enormidade de itens no mercado que utilizam essas marcas, e são vendidas mesmo para quem não tem o próprio objeto que originou a marca. Não é incomum encontrar essas logomarcas em copos, roupas, canecas, chaveiros, cadernos etc. Deixaram de ser apenas símbolos corporativos e se transformaram em símbolos de *status*.

Tente pensar em outros exemplos dessa "migração" dos símbolos para contextos diferentes do original.

¹³ "Primitivos modernos" é o nome dado a uma das muitas tribos urbanas da atualidade. Consiste em uma coletividade que se inspira nas práticas de modificação corporal dos povos ditos "primitivos" para compor um visual atualizado, de acordo com as influências da cultura contemporânea. Tatuagens, *piercings*, alargadores, implantes sob a pele e outros tipos de modificação fazem parte dessa cultura.



Lembrete

Quando uma instituição faz o trabalho de propagar seus símbolos, a possibilidade de que eles sofram mudanças em seus significados é menor, pois ela precisa manter seus princípios básicos para não haver discordâncias que a descaracterize.

Pensemos em outros tipos de símbolos, como, por exemplo, os religiosos, ou os de grupos institucionalizados (como associações, clubes, escolas, partidos e fraternidades), ou de movimentos sociais que não "sofrem" essas mesmas distorções ou, como chamamos, resignificações. Isso porque quando migram para outras culturas, seguem junto com outras ações que fazem com que sejam incorporados dentro de certos parâmetros de interpretação.

Os "portadores" desses símbolos institucionais promovem a cultura das ideias a eles relacionadas, de forma que produzem um contexto transportado, e não apenas o símbolo "descolado" de seu contexto. As instituições precisam garantir que seus princípios sejam garantidos, independentemente da cultura em que se estabeleçam. No caso institucional, a liberdade dos indivíduos para interpretar livremente os símbolos é bem menor que no caso do mercado ou da moda, por exemplo.

Quando se trata de instituições, junto com os símbolos estão os indivíduos responsáveis por disseminar os conceitos, ideias e valores. Não é possível haver a propagação dos símbolos de uma instituição sem o conjunto dela. Há um maior controle social no processo de utilização dos símbolos.

Já no mercado, na moda e na comunicação cotidiana não há esse processo que envolve a participação dos sujeitos comprometidos com valores, e não com vendas. Mas é possível que alguns símbolos, como a cruz cristã ou os símbolos comunistas da cruz com o martelo, a estrela de Davi ou o símbolo da maçonaria sejam utilizados fora de seu contexto, e, portanto, ganhem outro significado? Sim, temos alguns exemplos disso, apesar de pouco comuns.

Leia o trecho abaixo para compreender a importância da simbolização para a humanidade.

Para Geertz, o homem encontraria sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive por intermédio de padrões culturais, que seriam amontoados e ordenados de símbolos significativos. O homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, sendo a cultura estas teias. Os indivíduos sentem, percebem, raciocinam, julgam e agem sob a direção destes símbolos. A experiência humana é assim uma sensação significativa, interpretada e aprendida (RIBEIRO, 2004).

Alguns fatores colaboram para a possibilidade ou impossibilidade de símbolos serem utilizados por pessoas fora de seu contexto. Primeiro, vemos que os símbolos são "denunciadores" da identidade dos indivíduos que pertencem a determinado grupo. Um coletivo é organizado em torno de características

formais como tradições, hierarquia, crenças, ideologias, práticas coletivas. Os participantes dessa comunidade gostam de utilizar seus símbolos como forma de se reconhecerem e serem reconhecidos.

Desse fato, podem decorrer situações como as descritas a seguir, e que envolvem a interpretação dos símbolos de um grupo social.

A primeira situação trata o caso de os símbolos serem "secretos", e seu significado compartilhado apenas pelos iniciados. Nesse caso, sua divulgação é sempre muito restrita, e sua pouca exposição social pode dificultar durante algum tempo sua apropriação por pessoas "estranhas" a esse coletivo.

A segunda situação ocorre com os símbolos "não secretos", principalmente os símbolos relacionados a ideologias políticas, movimentos coletivos ou eventos polêmicos. Eles são divulgados como forma de afirmação de uma coletividade em torno de suas ideias e princípios, mas dependem de situações históricas que podem torná-los aceitos e desejáveis, ou, pelo contrário, reprovados e indesejáveis.

É o caso da suástica nazista, que no período de prevalência desse regime na Alemanha, era um símbolo de poder. Enquanto a II Grande Guerra estava em processo havia uma nação e todos os simpatizantes ao redor do mundo interpretavam a suástica como afirmação de ideais.

Com o final da II Grande Guerra, e conhecendo os crimes do "holocausto" contra os judeus, ela passou a ser evitada, transformada em símbolo de terror e sua utilização foi evitada.

Como nossa memória mantém o registro dos eventos, nenhum indivíduo utiliza uma suástica inconsequentemente, ou para significar outra coisa que não a concordância com as ideias nazistas.

Um "caso brasileiro" de uma prática social e os símbolos a ela relacionados é o da capoeira. Ao ler esse trecho citado abaixo temos a dimensão de como a cada época as interpretações que envolvem os mesmos rituais e símbolos sociais podem levar à rejeição ou à aceitação.

A capoeira é uma manifestação popular que possui um importante registro histórico na corporeidade brasileira, representando modos de ser de nossos antepassados africanos. Estes povos, que para cá vieram na condição de escravos, foram submetidos a um processo desumano e exploratório de suas capacidades. Diante desta situação, utilizando-se de elementos de sua cultura de origem, criaram estratégias para resistir e lutar contra o sistema que os oprimia. Nesse contexto, situamos a capoeira. Um misto de luta, dança e jogo, que se materializou como uma arma na busca pela liberdade.

Esta manifestação cultural, ao longo da história de nosso País, sofreu modificações na sua constituição, na maneira de se interpretá-la, praticá-la e difundi-la, acompanhando mudanças políticas, econômicas e sociais. Foi considerada de contravenção penal a símbolo da identidade nacional. Devido à sua origem no interior das senzalas, com raízes na cultura africana, e por ser a maioria de seus praticantes negros, durante o período Imperial

e princípio da República, sua prática foi considerada contravenção penal. Desta condição foi criminalizada e incorporada ao Código Penal (1890), destacando mais uma vez a posição do negro na sociedade como ameaça à *ordem* e aos *cidadãos de bem*. Assim, atravessou a mudança de regime, de Monarquia à República, até meados de 1930 quando se instalou no país uma política nacionalista comandada por Getúlio Vargas (REIS, 1997¹⁴).

Naquele momento a manifestação da capoeira foi legalizada, podendo ser praticada em ambientes fechados, passando a ser tratada como *ginástica nacional* e símbolo da cultura brasileira (NORONHA, NUNES PINTO, 2004).

Entretanto, na medida em que um símbolo se distancia de seu registro original, perdendo para a maioria de uma sociedade seus significados, ou ainda quando ele é "importado" de outra cultura ou tempo, ele pode ser utilizado livremente, comunicando novas ideias ou sendo usado com outras finalidades¹⁵.



Lembrete

Os símbolos podem ser utilizados mesmo fora dos contextos originais para os quais foram criados. Quando isso acontece, pode haver mudança em seus significados.

O que aprendemos sobre os símbolos até aqui? Primeiramente, que a comunicação humana é baseada na criação, divulgação, incorporação e rotinização de símbolos.

A linguagem falada é simbólica, a linguagem escrita é simbólica, assim como a linguagem gestual, ou, ainda, a comunicação audiovisual. Para que nossa comunicação seja eficaz, precisamos dominar e compartilhar os mesmos símbolos.

Em segundo lugar, os símbolos comunicam não apenas o mundo exterior à nossa mente, que é o mundo que nos rodeia, mas comunicam também coisas imateriais, como sentimentos, ideias abstratas e conceitos. Por isso, utilizamos os símbolos para comunicar quem somos, o que fazemos, nossas preferências, nossa condição etc. A partir dos símbolos, materializamos aquilo que é interior à nossa mente. Sem tal comunicação não realizaríamos nenhuma de nossas capacidades, como raciocínio, criatividade, emotividade etc. Portanto, sem os símbolos não haveria cultura humana.

Você consegue perceber no seu dia a dia como não apenas a linguagem de sinais (como placas, sinais de trânsito) como os objetos dos quais nos cercamos são capazes de **comunicar** através de sua simbologia?

¹⁴ REIS, L. V. S. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

¹⁵ Na verdade há uma exceção a esse fato, que teve no movimento *Punk*, na década de 1970, um contraponto. Os integrantes dessa tribo urbana utilizavam de forma irônica as suásticas, pois eram contrários a qualquer identificação com as ideias nazistas. Obviamente, nem sempre eram interpretados da forma como desejavam, trazendo ainda mais polêmica ao irreverente movimento cultural daquele momento.

Vamos ver juntos algumas imagens como exemplo?



Figura 17 - Totem em Ketchican, Alaska.



Figura 18 - Vasos da comunidade Wunaan, em Colombia. Foto de Pilar Quintana.



Figura 19 – Porcelana. Museu do Prado, representando Apolo e Marsias.



Figura 20 – Lampião e Maria Bonita. Entrada do Espaço Cultural Tancredo Neves em Caruaru, Pernambuco.



Figura 21 – Casal em dança de cerimônia de casamento tradicional, nas Filipinas.

Os sistemas simbólicos criados no processo de vida coletiva em uma cultura formam um todo integrado, cujas “partes” devem se relacionar e manter uma coerência. Leia abaixo:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais se situam a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e, mais ainda, as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros (LÉVI-STRAUSS. apud MAUSS, 2005).

Síntese

Para concluirmos, podemos afirmar que para viver em sociedade é necessário se comunicar. A comunicação é a base de todas as culturas humanas e só é possível por sermos capazes de criar e interpretar símbolos. Os símbolos comunicam o que pensamos, as técnicas que inventamos e utilizamos para modificar o mundo à nossa volta, e até como nos sentimos. Para uma boa comunicação, precisamos conhecer as convenções sociais criadas para interpretar adequadamente as mensagens.

Os símbolos são um aspecto dinâmico das culturas humanas. Eles dependem do contexto em que são utilizados, mas podem ser incorporados por outras culturas, criando novos significados ou reproduzindo os já conhecidos.



Saiba mais

Sugestão de link para estudar o tema cultura e antropologia:

Blog de J. Francisco Saraiva de Sousa.

SOUSA, F. S. *Antropologia simbólica, comunicação e educação*. 2008. Disponível em: <<http://www.sebantropologia.com.blogspot.com/2008/09/antropologia-simbolica-comunicacao-e.html>>. Acesso em: 20 abr. 2011.



Exercício

Questão 1. (ENEM 2004) Cândido Portinari (1903-1962), em seu livro *Retalhos de minha vida de infância*, descreve os pés dos trabalhadores.

Pés disformes. Pés que podem contar uma história. Confundiam-se com as pedras e os espinhos. Pés semelhantes aos mapas: com montes e vales, vincos como rios. (...) Pés sofridos com muitos e muitos quilômetros de marcha. Pés que só os santos têm. Sobre a terra, difícil era distingui-los. Agarrados ao solo, eram como alicerces, muitas vezes suportavam apenas um corpo franzino e doente (Cândido Portinari, *Retrospectiva*, Catálogo MASP).

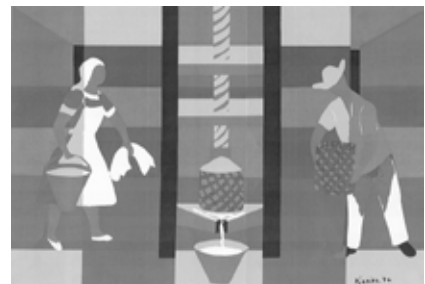
As fantasias sobre o Novo Mundo, a diversidade da natureza e do homem americano e a crítica social foram temas que inspiraram muitos artistas ao longo de nossa história. Dentre estas imagens, a que melhor caracteriza a crítica social contida no texto de Portinari é:



A)



B)



C)



D)



E)

Resposta correta: alternativa E.

Análise das alternativas

A) Alternativa incorreta.



Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta, pois a figura retratada parece um ser mitológico ou do folclore popular, mas não um trabalhador.

B) Alternativa incorreta.



Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta, pois a figura retratada é a de um indígena se dedicando à arte da guerra e não um trabalhador.

C) Alternativa incorreta.



Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta, pois a figura retrata camponeses de maneira estilizada não aparecendo as marcas do trabalho pesado citadas por Portinari.

D) Alternativa incorreta.



Justificativa: a alternativa não pode ser considerada correta, pois a figura retrata pés delicados que não possuem marcas do trabalho pesado citadas por Portinari.

E) Alternativa correta.



Justificativa: a alternativa é correta, pois a figura retrata pés disformes que se assemelham a pedras e espinhos, aos mapas: com montes e vales, vincos como rios, pés sofridos com muitos e muitos quilômetros de marcha, maltratados pelo trabalho pesado citado por Portinari.

Questão 2. ENEM 2004 (adaptada). A questão étnica no Brasil tem provocado diferentes atitudes:

- I. Instituiu-se o "Dia Nacional da Consciência Negra" em 20 de novembro, ao invés da tradicional celebração do 13 de maio. Essa nova data é o aniversário da morte de Zumbi, que hoje simboliza a crítica à segregação e à exclusão social.
- II. Um turista estrangeiro que veio ao Brasil, no carnaval, afirmou que nunca viu tanta convivência harmoniosa entre as diversas etnias.

Também sobre essa questão, estudiosos fazem diferentes reflexões:

Entre nós [brasileiros], (...) a separação imposta pelo sistema de produção foi a mais fluida possível. Permitiu constante mobilidade de classe para classe e até de uma raça para outra. Esse amor, acima de preconceitos de raça e de convenções de classe, do branco pela cabocla, pela cunhã, pela índia (...) agiu poderosamente na formação do Brasil, adoçando-o (Gilberto Freire, O mundo que o português criou).

[Porém] o fato é que ainda hoje a miscigenação não faz parte de um processo de integração das "raças" em condições de igualdade social. O resultado foi que (...) ainda são pouco numerosos os segmentos da "população de cor" que conseguiram se integrar, efetivamente, na sociedade competitiva (Florestan Fernandes, O negro no mundo dos brancos).

Considerando as atitudes expostas acima e os pontos de vista dos estudiosos, é correto afirmar que:

